

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo Kem. É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

THOT 24 - EDITORIAL

Há os que acreditam – Aos que acreditam ...

Querido leitor: este número da THOT (24) marca dignamente mais um aniversário de lutas e sucessos por nossa publicação. Ininterruptamente e a partir do sonho de um pequeno grupo de idealistas, investimos no Homem "de todos os tempos" mantendo uma revista cultural como opção para aqueles que, apesar de comprometidos com uma angustiante situação histórica, acreditam no "dia" que sucede a "noite".

Felicitemo-nos pelo fato de que durante os 365 dias do ano estivemos em nossos postos fiéis ao que consideramos digno e justo. Felicitemos também a nossos leitores que de todos os cantos da pátria brasileira escreveram, exigindo de nós cada vez mais.

Congratulamo-nos, enfim, porque THOT como uma exótica flor na aridez enervante dos lugares comuns, continua a oferecer seu perfume, que lembra aos Caminhantes da Vida, uma Pátria Celeste em que os homens simbolizam suas aspirações e anseios de eternidade.

Numa antiquíssima lenda conta-se que os seres humanos assemelham-se a cubos de pedra rústica. A Vida, Mestre de todas as experiências, como um genial artista, golpeia incessantemente burilando as asperezas da pétrea natureza, para que surja a estátua perfeita impregnada de vontade, de símbolos e de Ser.

THOT na sua vocação pedagógica, acorde a seus princípios, aspira ser um instrumento desse Destino para burilar as imperfeições que ocultam o Homem eterno ante o qual as ondas da História arrebatam em branca espuma ...

Basilio Pawlowicz

4 O ANEL DOS NIBELUNGOS, DE WAGNER, Emilio Moufarrige

8 O MUNDO DIVINIZADO: TEILHARD DE CHARDIN, José Luiz Archanjo, Ph.D

14 A CIÊNCIA MÉDICA NO ANTIGO EGITO, Zildo Trajano

17 ASSIM DEUS FALOU AOS HOMENS, Mario Ferreira dos Santos

23 ARISTOCRACIA E DEMOCRACIA, Jorge L Garcia Venturini

26 O REINO DA ALEGRIA ESTÁ EM TI, Mansour Challita

28 OS QUADRADOS MÁGICOS, Basilio Pawlowicz

30 CONHECIMENTO E APRENDIZADO, Luiz Cartas Lisboa

33 HISTÓRIA: POLITICA EXPERIMENTAL, Claudio De Cicco

35 PÁGINA DOS LEITORES

36 HUMOR

THOT 25, 1982 – EDITORIAL: Uma fábula oriental

O exemplo que vamos apresentar é de um filhote de tigre que havia sido criado entre cabras, mas que mediante a clarificante instrução de um mestre espiritual chegou a dar-se conta de sua própria e insuspeitada natureza. Sua mãe morrera ao dar-lhe a luz. Prenha, havia estado vagando muito dias sem descobrir presa alguma, quando encontrou-se com um rebanho de cabras selvagens. A tigresa sentia então grande voracidade, a qual pôde justificar a violência de seu salto. Seja como for, o esforço realizado lhe produziu o parto e de esgotamento morreu. Então as cabras, que se haviam dispersado, regressaram ao campo de pastoreio e acharam o tigreinho dando leves queixumes ao lado de sua mãe.

As cabras adotaram a débil criatura por pura compaixão materna, amamentaram-na junto a suas próprias crias e a cuidaram carinhosamente. O filhote cresceu e os cuidados que lhe haviam dispensado não ficaram sem recompensa, pois o pequeno aprendeu a linguagem das cabras, adaptou sua voz à de seus suaves balidos e mostrou tanto afeto como qualquer cabrito. A princípio teve certas dificuldades quando tratou de mastigar tenras fibras do pasto com seus dentes pontiagudos, mas logo se ajustou. A dieta vegetariana o tornava muito fraco e dava ao seu temperamento notável doçura.

Uma noite, quando este tigreinho que havia vivido entre cabras tinha alcançado a idade da razão, o rebanho foi atacado novamente, desta vez por um velho e feroz tigre. Outra vez as cabras se dispersaram, mas o filhote ficou onde estava, sem medo algum. Desde logo sentiu-se surpreendido. Ao descobrir-se cara a cara com uma terrível criatura da selva, contemplou o aparecido com estupor. Passado o primeiro momento, voltou a recobrar consciência de si e, dando um balido de desespero, arrancou um fibra e se pôs a mastigá-la enquanto o outro lhe cravava os olhos.

De improviso o intruso inquiriu:

– Que fazes tu aqui entre as cabras? Que é o que está mastigando?

A pobre criatura começou novamente a dar balidos. O velho tigre assumiu um aspecto realmente aterrador. Rugiu dizendo? – Por que fazes esse ruído tonto?

E antes que o pequeno pudesse responder, tomou-o asperamente pela nuca e sacudiu-o como se quisesse fazê-lo voltar à sua natureza à força de

golpes.

O tigre das selvas levou então o assustado filhote a um charco próximo e o pôs no solo, obrigando-o a olhar-se na superfície iluminada pela lua.

– Olha esses dois rostos. Não são iguais? Tu tens a cara redonda de um tigre, é como a minha. Porque te acreditas ser como uma cabra? Por que davas balidos? Por que comias pasto? O pequeno era incapaz de contestar, mas continuou olhando, comparando ambos os reflexos. Então ficou nervoso: apoiava-se em uma pata, em outra, e deu um grito dolorido de pesar. O velho tigre feroz o levando-o de novo e o levou a seu abrigo onde lhe ofereceu uma pedaço de carne crua e sangrenta, resto de uma comida anterior. O filhote estremeceu de repugnância. O tigre da selva, fazendo-se omisso ao débil balido de protesto, ordenou secamente:

– Toma-a, come-a!

O filhote resistiu, mas o tigre obrigou-o a passá-lo por seus dentes entrecerrados e o vigiou estritamente enquanto o tigrezinho tratava de mastigá-la e preparava-se para tragá-la. A crudeza do pedaço não lhe era familiar e produzia certa dificuldade, o pequeno estava novamente por lançar seu débil balido, quando começou a sentir gosto pelo sangue. Ficou assombrado e comeu o resto com avidez. Começou a sentir um raro prazer à medida que a carne descia ao seu estômago. Uma força estranhamente cálida nascia em suas entranhas, difundia-se por todo seu organismo e começava a estimulá-lo e embriagá-lo. Sentia um estranho gosto em seus lábios; lambeu as bochechas. Incorporou-se e abriu a boca para lançar um grande bocejo, como se estivesse despertando de uma noite de sono, uma noite que o teria enfeitado durante vários anos. Espreguiçando-se arqueou o lombo, estendeu e abriu suas garras. Sua cauda fustigava o solo, e imediatamente sua garganta estalou num terrível e triunfante rugido do tigre.

Entrementes, o severo mestre havia estado observando de perto e com crescente satisfação. A transformação se havia cumprido realmente.

Quando terminou o rugido, perguntou asperamente:

Sabes agora quem és? - E para completar a iniciação do jovem discípulo no saber secreto de sua própria e verdadeira natureza, acrescentou:

– Venha, agora iremos caçar juntos pela selva!

Há entre nós muitos tigres que, impressionados pelas "cabras" que lhe vivem em volta, tergiversam sua própria natureza numa impostura

existencial que soterra sua verdadeira condição. Amigo leitor, lembra: serás o que deves ser, ou nada serás!

Editorial

4 A IDADE JUVENIL: AURORA DA ALMA, Lucia Benfatti

7 O NOME DE DEUS, Ignácio da Silva Telles

9 ESPINOSA, Lucy Blumental

13 O SISTEMA DE MEMÓRIA DA ABELHA, *Jornal do Brasil* 27/12/1981

14 OS TRÊS MUNDOS, Extraído do livro *La Anatomia Oculta del Hombre*, de Manly P. Hall (Editorial Kier, Buenos Aires, 7ª edição, 1978). Tradução: Emilio Moufarrige Jr.

18 A MORAL NO PENSAMENTO DE B. RUSSELL, Estela M. Lucas

21 QUE É SOCIEDADE TRADICIONAL? – Prefácio do livro *La Società Tradizionale*, de Roberto Mattei (Giovanni Volpe Editare – Roma), Tradução: Miguelàngelo Gragnani

25 A MORAL SOCIOLÓGICA DE DURKHEIM, David Cohen

27 O BEM E A BELEZA NA EDUCAÇÃO GREGA, Mara Novello

30 BREVE RESENHA SOBRE MAQUIAVEL, Zildo Trajano

32 PÁGINA DOS LEITORES

THOT 26, 1982 – EDITORIAL

Ilustres pensadores têm falado da precipitação ou aceleração dos tempos, indicando com isto que os fatos e mudanças se sucedem hoje numa rapidez maior do que a observada no passado. Com efeito, a busca de uma crescente velocidade vem dominando todas as áreas da ação humana, desde as mais especializadas e restritas até as quotidianas e sociais.

Se o parâmetro de avaliação for o quantitativo e utilitário, é evidente que tal velocidade representa um avanço, ou como se costuma dizer, um progresso; se, no entanto, levamos em conta também o aspecto qualitativo não imediatista, chegaremos necessariamente à conclusão contrária.

Nas relações humanas, tanto grupais quanto as do indivíduo consigo próprio, a velocidade ou aceleração provoca resultados catastróficos. Hoje talvez se demore menos em despir um corpo do que no século passado; quanto a despir a alma, revelar os ideais mais profundos, as íntimas aspirações acalentadas durante dias de primavera e noites sem estrelas, nada tem mudado; e tanto hoje como ontem, a demora parece infinita, insuportável, quando não infecunda.

A agitação que paira à nossa volta está impregnando o ritmo interno, e da mesma forma como nos deslocamos no espaço acreditamos poder deslocar os sentimentos, as ideias, os anseios. Há que se pensar rápido, amar às pressas, sonhar sem demora! Nada mais falso que isto! Para consolidar uma verdadeira amizade é mister um “tempo” cuja duração sequer tem diminuído na história humana. Não há fertilizante capaz de potenciar as raízes das virtudes que em nós habitam; e para o amor não existem “complexos vitamínicos” de efeito instantâneo. Por isso as palavras do **Eclesiastes** continuam tão válidas como no momento em que foram concebidas: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...”, e ainda há um tempo-consciência que não podemos desconhecer porque nele brilha a eternidade.

LIA DISKIN

3 HINDUÍSMO: SEUS VERDADEIROS E FALSOS PROFETAS, Agenhanda Dharati

9 A VOZ DOS TROVADORES, C. M. Colinvaux

15 ÉTICA DE SOFISTAS: ONTEM E HOJE, Zildo Trajano

18 O COMPREENDER DEUS, Gabriela Bosshard Krugmann

21 A SENSIBILIDADE DE CRIANÇA, Dr. J. B. Aguirre

23 TRISTE REALIDADE: A INVEJA, Mansour Challita

24 O SIGNIFICADO DO MITO, Miguelângelo Gragnani

29 OS SÓLIDOS PLATÔNICOS, Primo Augusto Gerbelli

31 A SAGA VIKING, Maria Estela Lucas

35 O HOMEM E O UNIVERSO, Sri Ram

THOT 27, 1982 – EDITORIAL: Escorpião Aristotélico

Conta-nos Esopo, em uma de suas fábulas, que o escorpião assim se dirigiu à tartaruga, à beira de um rio: “Ó tartaruga, conduze-me, por favor, em tuas costas, para a outra margem”.

Respondeu-lhe a tartaruga: “Não sejas tolo. Não sou tão ignorante: tu poderás ferrear-me em meio à travessia e eu morrerei afogada”.

O escorpião retrucou: “Não sou tolo; ou melhor, és tu que me pareces tola, já que nada conheces de lógica. Pertencço à escola aristotélica, sou um lógico. Ensinar-te-ei uma lição simples: se eu te ferir, provocando-te a morte, também morrerei afogado. Assim, sê lógica e sensata. Não te picarei, não te posso ferrear”.

A tartaruga pensou por um momento e decidiu-se: “Está bem. Isto me parece sensato. Pula às minhas costas e partiremos”.

Aconteceu, porém, que exatamente no meio do rio veio a ferroada. Ambos começaram a afundar, mas a tartaruga, embora prestes a morrer, teve ainda forças para perguntar: “Onde foi parar a tua lógica? Fizeste algo totalmente inexplicável; conta-me o que aconteceu, pois antes de morrer quero aprender mais esta lição de lógica”.

O escorpião disse-lhe: “Não é, em absoluto, uma questão de lógica. É muito mais uma questão de caráter; esta é a minha natureza e não posso agir de modo diferente. Posso falar muito bem a respeito de logica, mas não consigo agir outra maneira. Na realidade, sou incapaz de existir sem essa minha natureza...”

Em nossos dias, somos testemunhas de um mundo onde proliferam os “escorpiões aristotélicos”. Continuamente as palavras como paz, cooperação, fraternidade e liberdade são profanadas por atitudes diametralmente opostas. É importante que nos perguntemos por que a violência física e psíquica faz parte de nosso cotidiano; que nos perguntemos se os homens realmente procuram a harmonia das palavras com os atos. A fábula de Esopo mostra-nos o verniz, a aparência de respeitabilidade e de princípios com que se costuma revestir certas atitudes, dentro da mais fria lógica; nos momentos decisivos, porém, imperam as naturezas instintivas, passionais e egoístas. Mais uma vez insistimos em que na ausência de raízes metafísicas a civilização não passa

de um formigueiro, onde a ordem não adquire nenhum sentido transcendente e a vida se processa sem uma finalidade que a justifique.

A educação pode trocar a aparência e o verniz com que encobrimos nossa natureza humana, e assim teremos “culturas”, mas enquanto não existir uma verdadeira Pedagogia, um método que permute, que alquimize, que transmute nosso lado humano em nossa natureza divina, a civilização não passará de um cadáver enfeitado, embora com aparência de vida.

Justifiquemos nossas circunstâncias, ainda que morrendo como a tartaruga de nosso exemplo; que seja ao menos para aprender, finalmente, que o importante não é a lógica, mas sim o verdadeiro.

BASILIO PAWLOWICZ

2 A "CIDADE DE DEUS" DE SANTO AGOSTINHO, Ignácio da Silva Telles

10 OS SERES IMAGINÁRIOS, Jorge Luis Borges

13 O ANEL DO NIBELUNGO, DE WAGNER (3ª PARTE), Emílio Moufarrige

18 AS ESCOLAS FILOSÓFICAS DA ÍNDIA, Lia Diskin

23 INTRODUÇÃO À CULTURA GREGA, B.C.R.A

18 EM DESAGRAVO DO EGOÍSMO, Jesús G. Rodriguez

32 OS INSTRUMENTOS DE ARCO (1ª PARTE), Ivan Barbosa Rigolin

THOT 28, 1982 – EDITORIAL

Em face da violência desenfreada que, como um brioso corcel enlouquecido, não escolhe rumo nem se detém ante nenhum obstáculo, vemos levantar-se a voz das nações clamando pela Paz. Organizam-se congressos, comissões, editam-se projetos, esboçam-se pactos, alianças, compromissos de frágil consistência, pois é difícil prever os próximos passos e satisfazer interesses tão polarizados. Estudam-se leis durante dias, meses, anos, e nada ... nada consegue pôr rédeas ao enfurecido corcel.

Eclesiastas de todas as religiões e de todas as seitas exortam seus fiéis, pedem reflexão, apelam à consciência dos povos, suas vozes enrouquecem de tanto falar, mas o corcel não ouve, não escuta; parece muito débil o murmúrio daquelas vozes. Artistas e intelectuais de todo o mundo, sem barreiras de língua nem de cor, reúnem-se na busca de uma fórmula capaz de aplacar tamanha barbárie e sem-razão.

Se os homens que detêm o poder, cuja palavra tem força de lei, assessorados por grupos de esclarecidas mentes, informados através de complexos e precisos sistemas de comunicação, dispondo de meios suficientes para persuadir populações inteiras, com corpos diplomáticos treinados na arte das negociações, se estes homens pouco ou nada conseguem, poderíamos perguntar-nos: "O que fazer? A paz é uma utopia? Estamos condenados a viver com a nuvem do ódio pairando acima de nossas cabeças? A vida não é mais que horror e miséria? É o homem genuinamente um criminoso em potência?"

Não, mil vezes não! Enquanto houver uma só criatura que acredite no amor e na bondade ingênitos na obra do Senhor, a paz será sempre uma campina onde as sementes de tempos vindouros poderão cultivar-se e onde seguramente o iracundo corcel encontrará os tenros pastos que aplacarão sua violência faminta de sossego.

As guerras, com suas cargas de ódio e sede de vingança, são a expressão patente dos ódios que armazenamos, cada um de nós, em nossos corações; são a conjuração dos ressentimentos e impotências, o somatório de nossa própria animalidade, da mentira com que costumamos vestir nossas fraquezas.

Enquanto esteja distante aquela campina, enquanto se mantenha oculto o sol por trás das tempestades, não alimentemos nós, com o nosso graveto, a fogueira da violência, não participemos no crescimento das discórdias; amassemos o pão cotidiano com altruísmo e generosidade para que, como límpidos espelhos, possamos refletir os ainda pálidos raios desse sol, que aguarda os ventos da boa vontade capazes de dissipar as nuvens que o escondem.

Uma palavra rude que morreu em nossa boca, um sentimento hostil que se desvaneceu, uma agressão que não criou asas, um gesto irado que se consumiu na compreensão, são o nosso tributo, a nossa contribuição, a nossa parcela de brisa a substituir as tormentas, que em verdade já começaram a fenecer em nosso coração.

LIA DISKIN

2 A FILOSOFIA DA DESCARTES, A. Vergez e D. Huisman

8 AS ESCOLAS FILOSÓFICAS DA ÍNDIA (2ª PARTE), Lia Diskin

15 AS TRÊS TRANSFORMAÇÕES, Nietzsche

16 BERGSON: OS CARACTERES CÔMICOS, Elba Novello

19 A POLÍTICA SEGUNDO PLATÃO, Jorge L. García Venturini

24 O ANEL DO NIBELUNGO, DE WAGNER (4ª PARTE), Emílio Moufarrige Jr.

28 OS EVANGELHOS APÓCRIFO, David Cohen

32 OS INSTRUMENTOS DE ARCO (2ª PARTE), Ivan Barbosa Rigolin

37 DA IMPORTÂNCIA DO TRABALHO, Zildo Trajano

THOT 29, 1982 – EDITORIAL, Zildo Trajano

Há cerca de 25 séculos, observando o quadro de desordens, violências e injustiças que medravam em sua cidade, corrompidas que estavam a legalidade e a moralidade, Platão preconizou a sua célebre formulação política: não há meio de se eliminar a maldade e a injustiça nos domínios da polis, a não ser que os filósofos governem ou os reis e governantes filosofem ...

Entre os aplausos mais entusiasmados, de um lado, e as críticas mais ferrenhas, de outro, Platão e suas ideias sobreviveram todo esse tempo sobretudo em vista de sua lógica imbatível: sendo a filosofia a ciência que procura compreender o homem e o universo em seus aspectos essenciais, bem como as leis que governam a natureza, somente com a sua luz se poderia reconhecer onde está a justiça, na vida pública e privada; somente com sua luz se poderiam estabelecer, com precisão, as leis mediante as quais pudessem os cidadãos pautar seu comportamento, e mediante as quais fosse possível unir esses cidadãos em uma realidade coletiva, assignando a cada um a posição mais adequada. Desse modo ocorreriam as condições para o aprimoramento individual e para a constituição de um verdadeiro Estado – verdadeiro porque fundamentado na ideia de justiça.

Hoje, depois de ter sido Platão, ora relegado a completo ostracismo, ora reivindicado como fonte segura da mais lídima sabedoria política, encontramos-nos mais uma vez em situação em alguns aspectos semelhante à Atenas do século V a.C.: há crise nas instituições políticas, falência nos sistemas educacionais, instabilidade social motivada pelas profundas divergências entre os diversos setores que integram o corpo da sociedade, derrocada dos valores morais, debacle econômico-financeira em nível mundial, delinquência juvenil, violência urbana, angústia existencial...

Lamentavelmente, porém, não nos resta sequer a esperança de recorrer aos filósofos, já que, a nosso ver, aquela formulação platônica estaria, hoje, senão inadequada, pelo menos incompleta. Hoje teríamos de dizer: não acabarão os males para os homens enquanto não chegar ao poder a estirpe dos filósofos, desde que sejam ao mesmo tempo místicos. Sim, porque na época de Platão dava-se por entendido que tudo que se fizesse ou dissesse em relação ao homem levaria em conta a sua natureza espiritual e as possibilidades de ele compreender e realizar os desígnios

dessa natureza espiritual. Naquela época até existiam correntes de filosofia materialista, mas esse materialismo não significava ateísmo: significava apenas atribuir certa primazia ao elemento material na constituição do universo, mas sem esquecer jamais que esse universo estava fundamentado na ideia de uma divindade que o transcendia. Hoje, pelo contrário. vemos toda uma civilização apoiada em materialismo e ateísmo, declarados ou não. E vemos a filosofia, ou pelo menos muitas correntes filosóficas descambarem pelos áridos caminhos da especulação estéril – estéril, sim, porque desprovida de um conteúdo místico. De nada adianta elaborar uma epistemologia, gnosiologia, ontologia, etc. se não buscamos compreender o mais íntimo e o mais profundo da natureza humana e as suas ligações com a natureza divina, para que possamos enfim encontrar um significado, um sentido para as civilizações humanas, com seus momentos de glória e suas crises, com suas grandes realizações e seus rasgos de destruição, com seus estados de extrema torpeza e morbidez ou seus momentos de inefável sublimidade.

A atuação política se baseia sempre em grandes esforços, por parte de governantes e de governados. Esforços no sentido de estabelecer um aperfeiçoamento da pedagogia, com metas e métodos que permitam ao homem desenvolver todo seu potencial de realizações; esforços destinados ao robustecimento da moralidade, indispensável para assegurar um mínimo de solidez e durabilidade às relações sociais; esforços visando as realizações artísticas e culturais, visando as conquistas tecnológicas, capazes de propiciar um mundo de conforto e bem-estar material, e assim por diante. Todo esse esforço, no entanto, se justifica somente na medida em que tenha como objetivo último aquela realidade transcendente, que polariza e faz convergir sobre si todo o resultado das ações humanas, que se constitui em unidade em torno da qual gravita toda a multiplicidade de aspectos culturais, sociais, raciais, religiosos, etc. O que mais caracteriza o homem é exatamente o seu anseio e a sua busca dessa unidade, para onde apontam todo misticismo e toda manifestação de religiosidade.

Daí insistirmos na necessidade de um embasamento filosófico para todas as atividades humanas, inclusive a política; mas insistimos muito mais na necessidade de um sentimento místico que vivifique e revigore a filosofia, a arte, a ciência. Que vivifique e revigore o próprio existir humano.

ÍNDICE

2 I SEMANA DE COMEMORAÇÕES EM HOMENAGEM A MAHATMA
GANDHI (Conferencistas: Prof. José Hermógenes, Prof. Ricardo M.
Gonçalves, Prof. Dr. Stanislavs Ladusāns S.l., Sheik Ahmad Ismail, Rabino
Henry I. Sobel, Dr. Prócoro Velasques)

8 JUNG: O HOMEM E SEUS SÍMBOLOS, David Cohen

14 A FILOSOFIA E A PÓLIS, John B. Morral

20 SOBRE EDUCAÇÃO, Lúcia Benfatti

22 NECESSIDADE DE UMA FILOSOFIA DA CIÊNCIA, ZildoTrajano

25 O CONTEÚDO SIMBÓLICO DOS NÚMEROS, Ignácio da Silva Telles

32 OS CICLOS DO RENASCIMENTO, Heinrich Zimmer

36 OS INSTRUMENTOS DE ARCO (CONCLUSÃO), Ivan Barbosa Rigolin

43 PÁGINA DOS LEITORES

44 HUMOR

THOT 30, 1983 – EDITORIAL

Amigo Leitor,

Na primavera do ano 1975, coincidindo com a primavera interior, que sentíamos como um mundo de flores e perfumes de sonhadas idealizações, apareceu o nº 1 da revista THOT. Esta edição que leva o nº 30 marca a transformação de nobres anseios numa bandeira que historia nossa presença somatoriamente participante numa obra que depende de todos, como fruto de consciências amadurecidas no transorrer da vida.

A história não consiste, como ingenuamente alguns podem pensar, num simples aglomerado de anos. Ela se manifesta unicamente quando existe a participação do espírito do homem, somando aos legados do passado suas vivências presentes, para idealizar outra bandeira que reunirá fraternalmente aos homens do futuro. Por esse futuro, construído agora, cultuando o Bom, o Belo e o Justo, e enaltecendo a necessidade da esperança, por absurda que possa parecer num mundo sem dignidade, é que mais uma vez reiteramos nossa vocação pedagógica. Nossas páginas não alimentam ódios, não apelaram aos instintos viscerais como fazem os profissionais da angústia. Dentro de nossas modestas dimensões e falibilidade, temos aproximado uma mensagem sem compromissos com o tempo cronológico e sim visando o tempo consciência. Instamos a nossos leitores a viver perfumando a vida, construindo e e construindo-se.

As respostas que temos tido do Brasil todo, desde cidades que com dificuldade localizamos nos mapas geográficos, escrevendo para nossa redação, nos encorajou a adquirir novos equipamentos gráficos para assegurar a regularidade e ampliação de toda nossa obra editorial. Novas cidades foram incorporadas nos roteiros de distribuição, para servir, dentro duma formulação que pretende chegar cada vez mais longe e mais adentro, com o único intuito de que a revista THOT seja um veículo de ideias para leitores sem pressa, advertidos de que toda opinião justa é difícil de expressar. Para leitores que repensam os ideais lançados e que não necessitam ser convencidos. Leitores, em suma, como dizia Goethe, que são capazes de opor-se às cinzentas teorias da vida com o palpitante arco-íris da existência.

OS EDITORES

- 2 O RITUAL FUNERÁRIO NO ANTIGO EGITO, Luis F. Ayala
- 5 KANT: A RAZÃO COMO FUNDAMENTO DA MORAL, Zildo Trajano
- 11 A RESPEITO DOS REVESES, Sêneca
- 13 OS NEOPLATÔNICOS, W. C. Ward
- 22 A UNIVERSIDADE E SEU PAPEL NA SOCIEDADE, Yolanda Lhullier dos Santos
- 24 A PEDRA ROSETA, E. A. Wallis Budge
- 29 A ESSÊNCIA DO HOMEM SEGUNDO O ISA [ISA UPANISHAD], Pe. Ismael Quiles
- 35 CATARISMO: HERESIA OU CIVILIZAÇÃO ORIGINAL?, Teresa de Barros Velloso
- 42 A ARTE GÓTICA, Primo A. Gerbelli

THOT 31, 1983 – EDITORIAL

EDITORIAL

Uma das coisas mais interessantes – do ponto de vista psicológico – que manifesta o homem do nosso tempo, é o seu medo aos gigantes.

Na dicotomia existencial que campeia no mundo dos valores, as coisas são ou extraordinariamente boas ou extraordinariamente más. Acreditamos ter superado o maniqueísmo dos anos 400, preconizando a tão difundida liberação de tabus, costumes, sexos, mas tudo indica que tal libertação só é exercida do pescoço para baixo; ainda não chegou à superfície das ideias, doutrinas e livre pensamento.

Um exemplo evidente é o que estamos presenciando ante o conceito de ahimsa, satyagraha ou, como foi traduzido em nossas línguas, não-violência. Ignorando que este princípio tem raízes milenárias dentro de um grupo étnico, cujas origens são indetermináveis tanto em tempo quanto em espaço, chacoalhamos este novo brinquedo intelectual e como nos filmes de cowboy dividimos a plateia em "bandidos" e "mocinhos".

Longe de compreender o alcance de ahimsa reduzimos seu poder às alienações de momento. Assim, para uma "tribo" constitui a esperança de uma panaceia social e econômica, e para outra "tribo" é um espectro hediondo que provocará mais miséria e injustiça social.

E como é difícil manejar conceitos sem identificá-los com pessoas ou situações, "descobriu-se" Gandhi, sobre quem há alguns anos não se falava, querendo responsabilizá-lo ora pela liberdade de um povo submetido à mais cruel das barbáries, ora por ter promovido um dos massacres mais violentos que conheceram as terras da Índia.

Senhores! Nada é absolutamente bom nem absolutamente ruim! É compreensível que na desesperada busca da perfeição o homem se desalente quando não consegue identificá-la com algo ou em alguém, mas não podemos continuar na atitude primária do juízo pendular, e muito menos quando de ideias se trata.

Nenhuma revolução nos trouxe o que esperávamos dela, e a ahimsa, seguramente, não nos trará o que almejamos; as ideias, por mais que depositemos nelas nossa confiança e acalentados sonhos, não podem

resolver tudo; elas são desafios que se apresentam à vontade e inteligência, e o nosso ato é o único capaz de torná-las eficazes ou não.

Quanto à ahimsa, a exigência é maior: precisamos autoeducar-nos, disciplinar-nos interiormente e ter coragem de quebrar essa dicotomia de que falávamos.

Ahimsa é uma nova alternativa para enfrentar a problemática contemporânea. É a conquista de uma nova opção perante a violência e a passividade, únicas trilhas que concebíamos até pouco tempo.

Não pretendamos que a simples revelação intelectual de um novo caminho nos faculte para percorrê-lo; são necessários "mapas", "equipamentos", "vestimentas adequadas", que neste caso se traduzem como incorruptibilidade, fidelidade à Verdade – ainda que esta ponha em cheque nossos interesses particulares –, fortaleza moral e espiritual, direção clara e objetiva, fraternidade e necessária amplitude para compreender que toda semente tem um "tempo" para dar seus frutos.

Gandhi, indiscutivelmente, é uma semente, e não podemos julgar seus frutos porque ainda são quase inexistentes. A humanidade demora para assimilar certas experiências, sempre foi assim, e nada indica que possa ser de outra maneira.

Os efeitos imediatos de sua doutrina foram de impacto, provocando, não duvidamos, situações dolorosas, mas tais situações são insuficientes para avaliar com justiça as consequências da prática da não-violência. Salvando as devidas distâncias, lembremos os primeiros anos do Cristianismo, em que o sangue correu, e não foi pouco ...

O fato de que Gandhi não seja o depositário de todas as virtudes havidas e por haver, não o transformam num monstro ignorante, causador de genocídios e misérias. E parece ser esta a conclusão de alguns intelectuais contemporâneos.

O que diferencia um gênio de um homem comum é que o primeiro, talvez, tenha os mesmos defeitos que o segundo, mas suas virtudes e atos são tão peculiares e distintos que emerge da mediocridade constituindo-se em faro não só para os contemporâneos, como também para as gerações vindouras.

E não é farejando a vida de um Gandhi em busca de incoerências (totalmente lógicas em qualquer criatura humana, e mais ainda num gênio), situações de intimidade, hábitos alimentares, predileções, que impediremos a irradiação da luz de uma existência consagrada integralmente à não-violência.

Senhores! Estamos ante um gigante, não temamos suas fraquezas; e se serve de consolo a esse nosso anseio de perfeição absoluta, lembremos: no Sol também há manchas!

LIADISKIN

3 A FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET, José Caruso Filho

8 A MÚSICA NA CHINA, C. M. Colinvaux

12 O GÊNIO CÉLTICO E O MUNDO INVISÍVEL, Cláudio de Cicco

23 BASES FILOSÓFICAS, Associação Palas Athena

27 SUFISMO: UMA CIÊNCIA ESPIRITUAL, Mohamed Cassim

30 ASTROLOGIA E HISTÓRIA, David Cohen

37 O ESTOICISMO COMO BASE DE UMA CIVILIZAÇÃO, Zildo Trajano

46 CHUANG-TZU (CHOU): O POETA DA LIBERDADE, Nissin Cohen

THOT 32,1983 – EDITORIAL

Durante sua estada em São Paulo o Swami Tilak proferiu várias palestras, sendo uma delas uma aula especial sobre as Isa, Katha e Kena Upanichadas, para os estudantes dos cursos-superiores desta Associação.

Na oportunidade, referindo-se à confusão que provoca o conhecimento parcial ou incompleto de uma doutrina, narrou um conto da vastíssima tradição literária da Índia, que achamos oportuno transcrever nestas páginas.

"Certa vez, um rei procurou um mestre (douto em filosofia Vedanta) para que o instrísse sobre a realidade das coisas, e dele ouviu seu primeiro ensinamento.

- Aham Brahmasmi, ou seja, minha realidade última é Deus, a essência do homem (Atma) é Deus (Brahman).

O rei ficou tão satisfeito com esta instrução que voltou ao palácio sem ouvir mais nada, convencido de que tinha aprendido tudo de que necessitava.

A rainha, que estava à sua procura, queria conversar com ele sobre a filha.

– Querido, nossa menina já está em idade de contrair matrimônio, Seria bom que você procurasse um jovem adequado para desposá-la.

O rei, que estava no enlevo de suas "reflexões filosóficas", lhe disse:

– Para que vamos procurar alguém se tudo é Brahman? Eu estou aqui, sou nobre, sou de casta brâmane, eu vou ser o esposo da nossa filha.

A esposa, meio atordoada, saiu correndo do palácio em busca do mestre que havia instruído o rei e lhe perguntou:

– O que o Senhor ensinou a meu marido?! Ele quer se casar com nossa filha, pois diz que tudo é Brahman, logo, dá no mesmo que seja ele ou qualquer outro varão a desposá-la!

O mestre, após ouvir atentamente a aflita mulher, pediu-lhe que o convidasse a almoçar no palácio no dia seguinte, e que nos pratos servidos ao rei e a ele próprio colocasse uma porção de excrementos. A rainha, cada vez mais assustada, lhe disse que o monarca seguramente iria matá-la se fizesse tal coisa.

– Não se preocupe, deixe comigo, respondeu-lhe o sábio vedantino.

No outro dia, à hora marcada, o rei recebeu seu mestre e o conduziu à mesa de refeições onde foram servidos os pratos tal como o mestre indicara.

O rei, percebendo o conteúdo do almoço, levantou-se encolerizado, ameaçando em altos brados sua esposa. Neste preciso momento interveio o mestre, segurando-o pelo braço.

– Seu tonto! Se tudo é Brahman, tal como você afirma, o excremento não é o mesmo que qualquer outra coisa? Se você não faz distinção entre o que seja esposa e filha, como consegue distinguir o que é excremento do que não é?"

Este conto ilustra claramente as falácias a que se pode chegar quando se toma de uma instrução tão só aquilo que convém, e se faz desta o instrumento de interesses outros. Interesses que passam a se encobrir com o verniz de uma filosofia que não resiste à menor reflexão, pois não é vivida na sua totalidade nem são cumpridos os requisitos morais que todo verdadeiro filosofar exige.

Lia Diskin

CONCURSO: "SIGNIFICADO DO PENSAMENTO E OBRA DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET"

3 ASPECTOS DA OBRA DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET, JULIAN MARIAS

11 ATUALIDADES

12 HINDUÍSMO: UMA SEMIOLOGIA DE VANGUARDA, Izidoro Blikstein

19 SERVIÇO SOCIAL: UMA VIVÊNCIA, Myrian Dente de Mello Viana Meserani

21 CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

24 CONSIDERAÇÕES SOBRE O POSICIONAMENTO LEIGO NA IGREJA CATÓLICA ATRAVÉS DOS TEMPOS, Teresa de Barros Velloso

30 QUAL A MANEIRA CORRETA DE PROCEDER NA VIDA?, Nissin Cohen

32 O SENTIDO HUMANO EM TEILHARD DE CHARDIN, José Luiz Archanjo

43 PAI NOSSO, Ignácio da Silva Telles

44 HOMENAGEM A JORGE GARCIA VENTURINI

THOT 33, 1984 – EDITORIAL: Aos Apocalípticos

Senhores, chega! Já cansaram! Mil previsões sobre a destruição, aniquilamento e extinção deste planeta pairam sobre as nossas cabeças. Descrições minuciosas a respeito das condições em que chegaremos a esse "último dia" preenchem folhas, quadros, filmes, armazenando arquivos próprios do mais requintado espírito mórbido.

Que não vivemos no melhor dos mundos é óbvio; entretanto, tampouco vivemos no pior deles. Hoje a escravatura é árvore seca que ninguém está disposto a alimentar, e sua lembrança causa repúdio até ao mais simples dos mortais.

A religião deixou de ser o narcotizante para as vicissitudes da vida ou o prêmio de um paraíso que compense as agruras terrenas.

A ciência está abandonando suas escuras bitolas e caminha a passos largos em busca de um encontro com algo que a justifique ante os olhos de uma realidade maior e, conseqüentemente, mais espiritual.

Os homens se revoltam e lutam por ampliar os horizontes da justiça nas mais diversas áreas da ação humana; e os jovens não mais pactuam com ideologias de um pseudo-patriotismo onde a ambição vestia suas melhores roupas.

Poder-se-á dizer que isto acontece em muito poucos lugares do planeta. Mas acontece e isto é o importante! Uma nova percepção do mundo está em avanço; uma consciência renascida num campo de profundas dores engatinha e vai abrindo espaços cada vez mais significativos.

A despeito dos apocalípticos constroem-se templos, bibliotecas, teatros, universidades; erguem-se grupos humanistas que vão somando seus esforços e ideais num abraço interdisciplinar de culturas, religiões, filosofias, ciências e artes.

A intolerância de credos é uma sombra que empalidece condenada, como todo espectro, a fugir da luz. A hipocrisia dos muitos, usurpadora dos bons costumes, vai perdendo seus galantes e fiéis amigos ante a ascensão de uma liberdade ainda jovem, por isso mesmo, inquieta e revoltosa.

Não! Não estamos no melhor dos mundos. Mas é o único que temos, e se a nossa máxima for pensar em construir, sentir no construir, falar de construir, sonhar construindo, talvez não nos sobre muito tempo para

estarmos matutando sobre esse "último dia", pois ele terá fugido espantado ante tamanho poder de construção! E a despeito dos apocalípticos, ainda há tempo ...

Lia Diskin

2 OS MENSAGEIROS DO DESTINO, Nissin Cohen

7 RESPEITO PELO PASSADO, COMPROMISSO PELO FUTURO, Zildo Trajano de Lucena

9 O PODER DO MANTRA NA MEDITAÇÃO, Swami Tilak

17 ATUALIDADES

19 Á GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA, Ignácio da Silva Telles

23 A COR E SUA FUNÇÃO SIMBÓLICA EM ALGUMAS CULTURAS, Yolanda Lhullier dos Santos

29 RENÊ FÜLLOP MILLER - POSIÇÃO FILOSÓFICA FÉ E RAZÃO, Ivone Pletsch

31 O UNIVERSALISMO EM ASHOKA, Liliana Garcia Daris

36 O HOMEM E SEUS SÍMBOLOS LNICIÁTICOS – O HOMEM E O TEMPO, Basilio Pawlowicz

39 POESIAS DE AMADO NERVO

40 PÁGINA DOS LEITORES

THOT 34, 1984 – EDITORIAL

Numa época em que se considera démodé ser otimista, os homens temem que suas esperanças aumentem em demasia. A ilusão vendida por todo tipo de anúncios e ideologias já desapontou a mais de uma geração; então é melhor pecar por excesso de desconfiança, antes que ver ruir novas esperanças. A dor da ilusão perdida proclama os méritos do deserto, de um deserto sem miragens, sem oásis, sem nuvens nem palmeiras.

Pierre Theilhard de Chardin, refletindo sobre a História, diz que em todas as épocas o homem sentiu-se vivendo um momento decisivo desta. De fato isto acontece; as mudanças constantes marcam perspectivas únicas que provocam crises de acomodação sempre renovadas, e que exigem abandonar as ideias comuns, numa busca incessante de justificativas para tais mudanças. Estas revelam a presença de arquétipos impossíveis de se tornarem vigentes através de uma transformação superficial dos estados de consciência.

A aparente cegueira de alguns e a resistência de outros pelas mudanças paradigmáticas, devem ser entendidas como defesa, pois o medo do saber é, na realidade, o medo do fazer. Conhecer implica responsabilidade, comissão e não omissão.

Ver ou falar das mudanças não é suficiente; entretanto, como diz Thoreau, já há no mundo uma vanguarda dos que vivem como acreditam; essa é a esperança de transformação que lateja na humanidade.

Basilio Pawlowicz

2 CONCURSO "IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET"

7 PSICOFÍSICA: NOVAS FRONTEIRAS DO PENSAMENTO CIENTÍFICO, Jose Inácio Cotrim Vasconcellos

10 O TEATRO NÔ, Eico Suzuki

14 OS TRÊS STARETZI, Leon Tolstoi

17 ATUALIDADES - HOLOGRAFIA DE DIETER JUNG, George Barcat

19 À GUIZA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA (LI), Ignácio da Silva Telles

23 CONFUSÃO DE CONCEITOS EM PSICOLOGIA, Ilse Maria Spath

25 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SUFI, Carlos Godo

30 A FUNÇÃO SIMBÓLICA, Mário Ferreira dos Santos

36 KARMA YOGA, Swami Tilak

THOT 35, 1984 – EDITORIAL

Em nossa imaturidade espiritual, sempre que as dificuldades batem à nossa porta, erguemos os olhos para o alto em busca de auxílio e conforto. Entretanto, quando uma nova aurora desponta e os ventos já dissiparam as tormentas, esses olhos gravitam novamente no horizonte e esquecem as alturas.

Ingratidão humana! Quando a calma aquece nossos corações e tudo parece estar a gosto, silenciam as preces, o terço já não se aninha em nossas mãos, o incenso e a mirra abandonam nossos pensamentos.

Ingratidão humana! Por que fugimos então da dor? Por que evitamos as tempestades, se são as únicas que nos fazem pôr de joelhos e clamar pelo Senhor? Se são justamente elas as que rompem o marasmo de nossa vida e nos incitam a pensar, a buscar respostas, a desentranhar os mistérios de cada dia!

Ingratidão humana, que esperamos do amanhã? Um eterno sol sem nuvens? Um vale sem montanhas? Um rio manso sem correntezas?

Oh, ingratidão humana! O Senhor está a nossa espera não só para escutar súplicas e lamentações, também para ouvir nossos cânticos de louvor, nossos sonhos, nossos amores, as alegrias de cada dia, as esperanças de cada noite.

Mas, se nada disso partilhamos com Ele aprendamos, então, a amar as tormentas!

Lia Diskin

2 INICIAÇÃO NA FLOR, Eico Suzuki

7 ASTROLOGIA: O SINCRONISMO ENTRE O COSMOS E A VIDA, Ilse Maria Spath

9 A SIMBÓLICA NAS RELIGIÕES PRIMITIVAS, Mário Ferreira dos Santos

14 ELOGIO AO ENTUSIASMO, George Barcat

16 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, Grupo de Estudos Pedagógicos da
Associação Palas Athena

19 À GUIZA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA, Ignácio da
Silva Telles

23 A MORTE DE NARCISO, Conto de Oscar Wilde

24 A RECRIAÇÃO PLÁSTICA DA NATUREZA, Yolanda Lhullier dos Santos

27 GANEÇA, Mário Muniz Ferreira

29 ACEITAÇÃO DE SI PRÓPRIO, Lúcia Benfatti

JOSEPH DE MAISTRE: DO LLUMINISMO AO IDEALISMO – UMA TRAJETÓRIA
EXISTENCIAL E FILOSÓFICA, Cláudio De Cicco

THOT 36, 1985 – EDITORIAL

Com este Nº 36, a THOT alcança o sexto ano de publicações ininterruptas. Em homenagem aos pioneiros, reproduzimos o Editorial da THOT Nº 1 que serviu como proposta de nosso trabalho: o homem do presente começa a perceber com preocupação crescente que a sua posição dúbia ante os problemas do mundo repercute diretamente sobre as bases das estruturas sociais e o afeta profundamente. Suspeita de sua cumplicidade com as injustiças, mas sabe-se também vítima do feitiço do século XX, habilmente apresentado pela propaganda materialista que pretende nos fazer crer que a felicidade e a realização interior podem ser encontradas nas prateleiras dos supermercados.

Por um lado, o Capitalismo fomenta uma estúpida competição, uma neurótica busca de glória e destaque individual, "o sucesso pelo sucesso" – uma egolatria desumana. Por outro lado, o Marxismo, imagem ainda mais deturpada do vazio espiritual da sociedade, coloca o homem como o último termo da evolução dialética da matéria através da História, tirando-lhe toda capacidade de modificar individualmente o meio social – e é neste relativismo que naufraga a psicologia humana.

Geralmente, nós, os homens do século XX, não percebemos a transcendência do momento em que vivemos. A contínua sucessão das alienações históricas engana-nos constantemente com uma aparente grandiosidade. O mundo tecnológico que se traduz em excepcionais descobertas científicas, na conquista do espaço exterior, na fusão do átomo, na multifacial imagem de um mundo de computadores e luzes que piscam, nos faz pensar, fortemente convencidos, que nunca a civilização chegou até esta maravilha.

Mas um olhar mais profundo traduzir-se-ia em uma amarga decepção. Nunca como hoje o mundo esteve tão ameaçado pela fome, nunca a humanidade teve tantos analfabetos e nunca existiram tantos enfermos de corpo e de alma ... A desorientação, a angústia, a frustração, o bloqueio psicológico são os denominadores comuns e pode-se dizer sem risco de erro que no século XX não existem homens felizes.

As perguntas sobre a natureza de Deus e do Homem continuam ficando sem respostas. Nada se sabe sobre a Vida e sobre a Morte, e o homem

utiliza esses termos, juntamente com Princípio, Ser, Eternidade, Absoluto, sem entender seu significado.

Engana-se continuamente, disfarçando o quanto ignora com teorias, hipóteses – palavras e mais palavras ... Seu ceticismo afugenta a fé que, como uma intuição de seus próprios valores, permanece imutável – ainda que cercada pelos seus medos, Chega ao extremo de sentir vergonha de ser-homem.

Como os filósofos antigos, pensamos que a esperança e a fé, sustentadas por um reto conhecimento, devem ser mantidas sempre – um ano, um dia, um instante mais. Sabemos que não nos devemos deixar abater pelos materialismos e pelos oportunistas da angústia.

Confiamos em uma primavera do espírito, por isso abrimos as pétalas de THOT. Seu perfume representa o anseio de correr por um caminho de estrelas ao encontro de Deus. Queremos restaurar aquilo que faz a dignidade de viver e de morrer. Já os deuses inclinaram-se aos homens, agora esperamos o elevar-se dos homens até os deuses.

Comecemos já a viver este mundo melhor.

EDITORES

3 A "DAMA DE ELCHE": UM ENIGMA HISTÓRICO, Annibal Telles Corrêa Neto

7 ASTROLOGIA NA ERA ESPACIAL, Ilse Maria Spath

11 O PAI DA EDUCAÇÃO INTEGRAL, Eico Suzuki

17 A LINGUAGEM SIMBÓLICA NOS LIVROS SAGRADOS, Yolanda Lhullier dos Santos

19 À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA, Ignácio da Silva Telles

23 A RESSONÂNCIA CÓSMICA DA MÚSICA INDIANA, Alberto Marsicano

27 ATUALIDADES - DIÁLOGO ENTRE A ATUAL FÍSICA E A FILOSOFIA CRISTÃ, George Barcat

29 COM AS VELAS, E NÃO COM OS VENTOS, Raif Abillamah

30 O MITO E O SÍMBOLO NO CICLO DO GRAAL, Teresa de Barros Velloso

34 JOSEPH DE MAISTRE: DO ILUMINISMO AO IDEALISMO - UMA
TRAJETÓRIA EXISTENCIAL E FILOSÓFICA, palestra proferida Cláudio De
Cicco

THOT 37, 1985 – EDITORIAL

Querido leitor:

No patamar de 1985, envolvidos numa atmosfera de promessas e renascer de esperanças, apreciávamos os inúmeros cartões de Natal recebidos, espelhando neles nossos próprios desejos de paz, harmonia e beatitude. Dentre os belíssimos motivos, a imagem de Nossa Senhora, reproduzida na arte incomparável dos renascentistas, nos mostrava o Menino Deus como símbolo resplandecente do novo ano que nascia.

Entretanto, antes que estas imagens abandonassem nossas vistas, foram brutalmente ofuscadas por uma outra "Madona" e seu filho: a mãe etíope. Suas fotos reproduzidas em jornais e revistas, seu patético semblante aquém do humano, é uma bofetada em nossas consciências saturadas de "Direitos Humanos". E, se as imagens de nossos cartões natalinos revelavam uma epifania que manteve as esperanças dos homens de boa vontade por séculos e séculos, esta outra é uma epifania de nossa frustração, de nossa impotência e de nossa dor. Dor que nasce de nossas entranhas espirituais; impotência por sabermos que ainda andam a solta a barbárie e a sem-razão; frustração ante a inesgotável sede de justiça e amor.

Toda miséria física manifesta a quase invisível miséria espiritual; o primeiro pauperismo nasce da ausência de alimento para a alma, sem o qual nos tornamos cegos e surdos, omissos de tanto acariciar nosso egoísmo.

Assim, o trágico quadro que nos tem revelado este nascente 1985 nos exorta a redobrar esforços, a tornar fecundas nossas lutas diárias em prol de uma Fraternidade sem fronteiras, para que a vida nunca mais tenha que acusar a morte da tremenda injustiça cometida com ela!

BASILIO PAWLOWICZ

3 O REI ARTUR NA LENDA E NA HISTÓRIA, Teresa de Barros Veloso

7 O IDEALISMO MÁGICO DE NOVALIS, George Barcat

11 AS IDADES DA VIDA, Lucia Benfatti

15 A QUEDA DO HOMEM E SUA EVOLUÇÃO CONFORME A BÍBLIA, Ilse Maria Spath

19 INTRODUÇÃO AO I CHING, Gustavo Alberto Corrêa Pinto,

25 A TERRA DE CHICHÉN-ITZÁ E A PRINCESA SAC-NICTÉ, Antonio Mediz Bolio

30 A LINGUAGEM SIMBÓLICA NO PROCESSO DE RELIGIÃO: HOMEM – INFINITO, Yolanda Lhullier dos Santos

33 A ARTE RUPESTRE BRASILEIRA, Tonyan Khallyhabby

36 JUDÔ DE KÔDÔKAN - HISTÓRIA E FILOSOFIA, Eico Suzuki

THOT 38, 1981* – EDITORIAL**

Os antigos diziam: *Verba volant, scripta manent, exempla trahunt*, ou seja, “As palavras se dispersam, os escritos permanecem, os exemplos arrastam”. No que estamos assistindo hoje em nossa terra, por ocasião da eleição, do doloroso martírio e da morte do Presidente Tancredo Neves, poderíamos constatar a demonstração inequívoca da sabedorias daquelas sentenças.

No decorrer da longa carreira política de Tancredo Neves, desde São João del Rei, da qual se evoca uma atmosfera do Barroco mineiro, até a apoteose de seu féretro pelas megalópolis de São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, vemos mais do que uma simples trajetória de um político brilhante entre tantos. Descortinamos a marcha de um povo. O Brasil de suas mais caras tradições espirituais, que parecia imerso no passado e no olvido, cedendo o passo a novas fórmulas que, apesar da variedade dos invólucros, escondiam sempre a mesma visão materialista sobre o ser humano e seu destino, o Brasil autêntico desperta, ressurge, recupera sua própria identidade.

Podemos ver em nossas casas, através da televisão, um espetáculo que nunca nos fora dado presenciar: a figura de Tancredo irmanar todos os que avivem numa mesma esperança. Católico convicto e praticante, Tancredo desvendou às novas gerações que a fé não é incompatível com a ação, que a contemplação não exclui a participação na vida do país. Espírito aberto, conciliou as mais diversas tendências ideológicas que, por vezes, buscam os mesmos objetivos, mas se digladiam porque não sabem ouvir. Tancredo era o que, mestre incomparável da oratória, sabia ponderar as reflexões dos outros, compreender a situação das várias camadas e correntes da população. Por isto, todos viram nele um símbolo do Brasil verdadeiro, acolhedor, cristão, ecumênico, amável, mas também brioso, lutador, consciente dos seus direitos e dos seus deveres.

No decorrer de sua memorável campanha pela presidência, nas declarações à imprensa depois de eleito, no contato com as mais altas personalidades do mundo europeu e americano, Tancredo disse grandes verdades que o tempo jamais poderá apagar. Neste sentido ele fez mais do que pagar nossa dívida externa: resgatou a dignidade do povo brasileiro.

Eis por que motivo, durante sua longa enfermidade, todos rezaram, cada qual ao seu Deus, num ecumenismo verdadeiramente edificante, esquecendo as diferenças acidentais, para ver o essencial: Tancredo precisava viver para conduzir o Brasil ao seu verdadeiro destino.

E, no entanto, esgotados os recursos da ciência, se confiava num milagre. Para muitos, talvez numa visão apressada, todas essas orações, todos os rituais de todas as religiões foram infrutíferos.

Se refletirmos melhor veremos, pelo contrário, que Tancredo não morreu. Sim, pois ele vive no Brasil novo que começa a despontar, cujos primeiros albores já estamos constatando: e isto depois de décadas de tendências massificantes, depois de anos de perda da autoconfiança de um povo, voltar a aparecer, ressurgir, é um milagre.

Os céticos inevitáveis dirão que tudo foi produto da ação poderosa da imprensa, da comunicação social. Somos obrigados a discordar de uma visão tão estreita, pois a manifestação nos funerais de Tancredo Neves foi espontânea, não planejada, realmente popular e os jornalistas, nos dando notável exemplo de profissionalismo, seguiram o interesse de todos nós: saber o que estava se passando com o Presidente e depois acompanhar as honras solenes da despedida.

Sim, pois o estadista [impar, que ora nos deixa fisicamente, tornou-se um símbolo, tal como o Tiradentes, em cuja data do martírio ele por uma coincidência notável, veio a falecer.

E como seu conterrâneo – mas que sonhou com um Brasil grande – Tancredo não chegou à terra prometida: o mártir de Vila Rica não viu a Independência, Tancredo não viu a Nova República. Mas ambos nos deixaram um legado: com seu exemplo, mais do que com seus escritos ou com suas palavras, nos ensinaram qual o rumo a seguir.

Exempla trahunt: que o exemplo de Tancredo nos arraste para uma atitude mais solidária com os que sofrem, mais entusiasta no trabalho e, sobretudo, mais consciente de que teremos uma eternidade para o descanso, se tivermos dado o melhor de nós em prol da causa sagrada da Liberdade e da Pátria.

Cláudio De Cicco

3 DEUSES DO PANTEÃO EGÍPCIO, Basilio Pawlowicz

12 O MISTICISMO EM MESTRE ECKHART, Nilton Almeida Silva e Adriana de Cesare

15 ASTRO-FILOSOFIA, Ilse Maria Spath

21 JOHANN SEBASTIAN BACH, Tonyan Khallyhabby

23 INTRODUÇÃO AO I CHING, Gustavo Alberto Corrêa Pinto

29 RESUMO DA EVOLUÇÃO CULTURAL JAPONESA, Eico Suzuki

33 O INCONSCIENTE - SUA INFLUÊNCIA NA VIDA E INTEGRAÇÃO DO SER, David Cohen

THOT 39, 1985 – EDITORIAL: A CHAVE PARA A FELICIDADE

Não lutemos pela felicidade pois só poderemos obtê-la ao lutarmos por outras coisas. A felicidade não é um "estado de ser" estático; é, isto sim, um estado de perpétuo "vir-a-ser". Não podemos planejá-la: quando chega, não mais estamos conscientes de ter lutado por ela.

E pelo que deveríamos lutar? Por uma realização que vá além de nosso eu egoísta e individual, pelo significado da vida. Nossa grandeza é medida pelo tamanho das causas a que aspiramos. As grandes causas elevar-se-ão acima de nós, fazendo-nos transcender o pequeno eu. As grandes causas insuflam em nós dignidade, e fazem com que um sentimento de reverência nos penetre; eis aí dois componentes necessários para uma vida meritória. Lancemo-nos com tudo que temos para servir aos outros, pela causa do altruísmo! Vamos fundir nosso ser dentro de um espectro mais amplo, a partir da compreensão de que o destino humano é feito de estrelas e não apenas de simples barro. Então, nossas vidas serão exaltadas, o ser em cada um de nós, engrandecido. E talvez como consequência, cheguemos à felicidade.

Que é felicidade? O equilíbrio de nosso ser no qual os outros percebem um estado de sinceridade capaz de inspirar e elevar, e que por nós é sentido como um estado de tranquilidade interior que nos dá força e determinação; não se trata de satisfação sensual ou de conforto físico, mas de um estado de radiação interior que reconheceremos, mais e mais, à medida que dele, mais e mais, nos aproximamos. Felicidade é estar em paz consigo mesmo enquanto o eu se une a uma ordem maior.

As pessoas verdadeiramente abençoadas, os gigantes do espírito e do pensamento humano, os Gandhis e os Schweitzers, não andaram em busca da felicidade e, no entanto, sabemos que suas vidas foram radiantes e inspiradoras – transbordantes no serviço às grandes causas, no serviço aos outros e aos grandes ideais que, por si só, já preenchem de significado os destinos humanos.

O conceito de felicidade deveria ser abandonado pois, em geral, é uma armadilha ocultando uma incursão do ego. A chave para a felicidade é perder o ego e sua cobiça, e adquirir um ideal e uma missão.

HENRYK SKOLIMOWSKI

3 CANÇÃO DE ROLANDO, Teresa de Barros Velloso

10 A CONSCIÊNCIA - ROMANO GUARDINI, Maria Luci Buff Migliori

15 A SIMBÓLICA DA LUZ, DAS CORES, DO ESPAÇO E DO TEMPO, Yolanda Lhullier dos Santos

20 ORFEU: NASCIMENTO DO PANTEÃO GREGO, Basilio Pawlowicz

23 O ESPÍRITO DA ORAÇÃO NO SÉCULO XX, José Luiz Archanjo

31 RESUMO DA EVOLUÇÃO CULTURAL JAPONESA (2ª PARTE), Eico Suzuki

35 GRAVITAÇÕES EM TORNO DA QUESTÃO "O QUE É VIVER?", George Barcat

THOT 40, 1985 – EDITORIAL

Nosso mundo, composto de significativos paradoxos, está travando uma batalha contra si próprio, batalha esta que se desenrola em inúmeros planos: no político, no religioso, no econômico, no cultural, no existencial e no da linguagem, onde se vêm refletidas as angústias mais profundas, os desencontros, as confusões próprias de um caminhar sem direção. O universo psicológico das pessoas está povoado de frases confusas, distorções semânticas, obscuras digressões, onde campeia a esperança de uma modificação, de uma revolução, de uma orientação que não acontece.

Envolvida nas eventualidades do cotidiano, a linguagem vai se tomando cada vez mais pobre, mais pálida, e, se bem conseguimos sermos precisos no campo da técnica, da ciência e da informática, não conseguimos o mesmo quando temos de nos ater à esfera da natureza e do essencialmente humano. A alma, espírito, sentimento, filosofia, Deus, já não ressoam com um conteúdo vibrante de experiência, parecendo haverem perdido sua vitalidade, seu vigor, e é curioso percebermos que, quanto mais clara se torna a linguagem que enuncia o mundo das coisas, mais turvo surge o enunciado das não-coisas. A ausência de contacto conosco mesmo, a falta de um diálogo íntimo e solitário, distancia-nos a tal ponto que a maioria de nós é estrangeiro de si próprio. As contingências do viver diário ocupam despoticamente o espaço desse tatear-se a si mesmo, única fonte de autoconhecimento e de ponderação dos valores da existência.

As contingências e os fatos jamais têm a mesma dimensão para todos os homens, nem sequer para as diferentes etapas da vida. Entretanto, estes matizes de significado somente podem ser percebidos e experimentados quando ocupamos o reino de nós mesmos. O senso comum, justamente por ser comum, isto é, coletivo, não pode ditar imperativamente as maneiras de sentir, aceitar ou rejeitar uma situação. Permitir que este senso comum delineie o nosso espaço interior, marcando o ritmo a nossos pensamentos e sentimentos, é quase que negar-se a exercer a direção da própria vida.

Engajados numa sociedade onde se louvam os critérios da maioria e onde se busca nos muitos a regra para si próprio, corre-se o risco de se diluir no coletivo, não encontrando mais eco para as inclinações individuais e

anseios pessoais. Cada criatura humana tem um compasso particular e, se este compasso não é respeitado, a musicalidade de sua existência termina, cedo ou tarde, desafinando, e a nossa linguagem é o fiel reflexo desse estado. Passamos o tempo justificando-nos, explicando-nos, desculpando-nos pelo que fizemos ou deixamos de fazer, mas toda esta exteriorização através da palavra surge confusa, entrecortada, nublada pela própria cegueira na visão de nós mesmos.

Tendo criado o hábito de aceitar como próprios os ditames da sociedade, aquilo que nos vem de fora, aguardamos passivamente, mas agarrando-nos à esperança de que "alguma coisa aconteça ", a chegada de um novo avatar, o surgimento de um novo líder, a descida de anjos e arcanjos, a chegada da era de Aquário ... E, se por um lado essa esperança aplaca nossa angústia, por outro nos submerge num marasmo de criatividade, convencendo-nos de que nossas "magras forças" nada podem mudar no espectro do acontecer humano. E, de fato, nada mudará enquanto o homem se refugie no cômodo convencimento de sua fraqueza, porque isto não só é falso, como é blasfemo.

O homem – expressão temporal mas existencial de Deus – possui um leque de poderosíssimas faculdades, de dons infinitos, de criação e recriação. Mas estas coisas lhe passam despercebidas justamente pela falta de contacto consigo próprio, pela omissão em exercer-se a si mesmo com a cota de luz e escuridão com que cada um teve a ventura de nascer. E as portas sempre estão abertas para o homem de coragem, de fé e ousadia.

BASILIO PAWLOWICZ

3 "O HOMEM, QUEM É ELE?", Battista Mondin

13 O PRECIOSO ROSÁRIO, David Cohen

18 O CÂNTICO DOS CÂNTICOS, Teresa de Barros Velloso

21 CARTA DE PEQUIM, Ismael Quiles, SJ

25 ASTRO-FILOSOFIA II, Ilse Maria Spath

31 O HAIKAI, Alberto Marsicano

35 A GUERRA DE TROIA, Ignácio da Silva Telles

THOT 41, 1986 – EDITORIAL

Ninguém pode duvidar de que neste século temos superado muitos preconceitos, barreiras ideológicas e religiosas que durante milênios têm separado homens e nações. O universo físico vai ganhando magnitudes incompreensíveis para nossa mente e, muito embora a ciência aproxime conhecimentos acerca de estrutura de planetas distantes e até de galáxias vizinhas, paralelamente a isso vai descobrindo uma realidade maior, que ultrapassa os limites de nosso entendimento.

Se por um lado o mundo tomou-se menor, mais apreensível, mais conhecido, por outro se agigantou escapando a todo e qualquer conceito de finitude, tão necessário a nossa compreensão.

O que observamos na esfera do saber tangível também se reflete noutros campos, na psicologia, por exemplo, na filosofia, na metafísica, nas buscas e inquietações humanas; entretanto, temos a impressão de que toda esta maravilha inexaurível de um universo cada vez mais infinito abala a estabilidade do homem. Ele se sente perdido num espaço tão extraordinariamente grande, sente que começam a ruir as bases existenciais nas quais sempre se apoiou, e descobre que suas crenças religiosas já não têm sustentáculo e que todo esse aparato psicológico onde estava comodamente instalado não mais lhe serve para enfrentar os dias vindouros. Contudo, resiste! Não quer abrir mão dos seus conceitos – ou preconceitos – há muito acalentados, treme ante a possibilidade de concluir que muitas das suas supostas verdades sejam apenas devaneios pueris.

Numa época em que as ciências exatas reconciliam-se com a esfera espiritual – num abraço fraterno digno do regozijo do próprio Olimpo –, descortinando mistérios e suscitando outros, o homem reluta: deseja conservar suas velhas ideias acerca do mundo, da vida e das coisas. Ó ironia! Se pequeno me sufoco, se grande me perco!

Todos estes sintomas do homem contemporâneo são próprios da fase da adolescência, quando um turbilhão de anseios ora se coadunam, ora divergem; onde por momentos a humanidade inteira é nossa fiel amiga e, por outros, nossa implacável inimiga, onde hoje queremos ser santos e amanhã, guerrilheiros.

Sem dúvida, temos abandonado muitos preconceitos, mas ainda ficam outros tantos por abandonar. Dentre eles, talvez o mais importante seja o de que a vida não é um parque de recreio em cujos verdes gramados podemos saciar quaisquer dos nossos desejos; tampouco é um carrasco que tudo exige de nós sem nada nos dar, e a quem devemos pagar culpas originadas no início dos tempos. A vida tão só nos oferece a matéria-prima com a qual podemos criar mil variantes de um único tema – que é a própria vida. A harmonia ou descompasso da obra não dependem dela, mas de nossa magistral capacidade e potência de criar.

Liberados deste preconceito, dia chegará em que todos nós, na maturidade dos tempos, desde o fundo de nossa alma, juntos com Amado Nervo, diremos:

Vida nada te devo.

Vida nada me deves,

Vida estamos em Paz.

LIA DISKIN

3 O PITAGORISMO E A ÉPOCA EM QUE VIVEMOS, Mário Ferreira dos Santos

6 A FILOSOFIA ECOLÓGICA E O BUDISMO, Prof. Henryk Skolimovski

14 PEQUENO EPISÓDIO DA VIDA DE ULISSES, Ignácio da Silva Telles

17 HAGOROMO OU MANTO DE PLUMAS, Eico Suzuki

23 ASTRO-FILOSOFIA III, Ilse Maria Spath

28 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

32 BARDO THÖDOL – O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS, David Cohen

38 A MÁSCARA DA PERSONALIDADE, Henrich Zimmer

THOT 42, 1986 – EDITORIAL

Que época satisfaz o apetite desse ser multiplicador de desejos?

Muito fácil: nenhuma! Basta observar que a História é o lugar das carências.

A morte de Borges nos fez ver nitidamente uma das carências do nosso tempo. Ao partir, o escritor, que amava os paradoxos, estendeu as mãos num aceno de "até breve". Naquele instante um pombo correio que Borges acariciava se solta ao vento. Em seus pés, uma mensagem: "É preciso sonhar, é preciso sonhar".

É certo isso. Hoje o mundo está despovoado de sonhos. Construimos muitas cabanas nas clareiras do ceticismo. A maioria de nós prefere "cair na real" sem ao menos se perguntar: Tal concretude existe? Muito difícil responder.

"Na *Odisseia*, há uma passagem onde se fala de duas portas: uma de chifre e outra de marfim. Pela porta de marfim, os homens recebem os falsos sonhos. Os sonhos verdadeiros ou proféticos entram pela porta de chifre. Na *Eneida*, há uma passagem que provocou inúmeros comentários. Está no livro nono ou décimo primeiro, não tenho certeza. Enéias desce aos Campos Elíseos, além das Colunas de Hércules, e conversa com as grandes sombras de Aquiles e Tirésias. Vê a sombra de sua mãe. Quer abraçá-la mas não pode, já que a mãe é pura sombra. Aí ele vê também a futura grandeza da cidade que irá fundar. Encontra Rômulo e Remo, assim como o campo onde vê o futuro Fórum Romano, a futura grandeza de Roma, a grandeza de Augusto e toda a grandeza imperial. Depois de ter contemplado tudo e de ter conversado com seus contemporâneos, que são gente futura para ele, Enéias volta à Terra.

Nesse momento acontece o mais curioso, algo que não foi bem explicado a não ser por um comentador anônimo que me parece ter chegado mais próximo da verdade: Enéias regressa pela porta de marfim e não pela de chifre. Por que? Esse comentador explica: porque, de fato, não estamos na realidade, afinal, para Virgílio, o mundo verdadeiro era positivamente o mundo platônico, o mundo dos arquétipos. Enéias passa pela porta de marfim porque entra no mundo dos sonhos – ou seja, entra para aquilo que chamamos vigília. Tudo é possível." (J. L. Borges – *Sete Noites*).

A realidade de Borges é mágica. Admite o sonho em suas fronteiras vigílicas.

"Temos então essas duas imaginações: a de que os sonhos são parte da vigília e a outra – aquela esplêndida, a dos poetas – de que toda a vigília é um sonho. Não há diferença entre as duas matérias. Aí chegamos à ideia de Groussac: não há modificações em nossa atividade mental. Podemos estar acordados ou podemos dormir e sonhar. Nossa atividade mental é a mesma. Ele cita exatamente aquela frase de Shakespeare: Somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos." (J. L. Borges – *Sete noites*).

Por qual das duas portas entrou Borges? Na verdade isso não tem a menor importância.

Seja qual for, ele entrou com a elegância digna de um mestre.

Só nos resta pedir: Borges, sonhe-nos em Paz! Sonhe-nos felizes! Felizes e juntos diante da deusa Esperança!

À deusa, Heráclito assim cantou: "O homem na noite acende a si mesmo uma luz, quando a lua dos seus olhos se apaga. Vivo, toca na morte quando adormecido; acordado, toca os que dormem".

OS EDITORES.

4 C. G. JUNG E O PROBLEMA DA CRIATIVIDADE, Dora Ferreira da Silva

8 RUMO À INTERIORIDADE, Lucy Blumental

13 FOLHEANDO PESSOA, George H. Barcat

21 CICLOS CÓSMICOS, David Cohen

26 A REFORMA DO PENSAMENTO EM DESCARTES, José Caruso

31 CHINA, VELHA CHINA!, Teresa de Barros Velloso,

37 A VELHICE TAMBÉM É VIDA, Lucia Benfatti

THOT 43, 1986 – EDITORIAL

Ainda que teu trabalho pareça insignificante, deve ser feito!

Gandhi

A vida ética de um ser humano começa quando ele abandona seu centro de indiferença não participativa; quando ele se verticaliza, superando a curvatura biológica, opondo-se desta maneira ao constante NÃO do isolamento egocêntrico, assumindo o verdadeiro SIM do "pode contar comigo"; quando arde em seus olhos o fogo da indignação, fulgor que desafia os lugares mais comuns das consciências domesticadas pelo medo e pela procura neurótica da segurança, temerosa em ser "contra", poupando-se; quando avalia os benefícios e malefícios do mundo com discernimento: quando descobre como se utiliza mal a inteligência servindo apenas para encobrir a barbárie; quando sai à busca desesperada de um sentido até mesmo nas coisas mais absurdas; quando seus impulsos elementares rendem-se às ordens imperativas da Razão.

Neste século XX, século de superespecializações, a Filosofia "for experts" não consegue sair dos campus universitários. Sua linguagem acaba servindo de disfarce que oculta a própria ignorância, incapaz de dizer algo que possa ser transfigurado em experiência vital.

Porém, caro leitor, a Filosofia deve ser um espaço de liberdade, que fale por si mesmo e não se transforme num mero entrelaçamento de fios mentais, que nada trazem consigo a não ser o brilho espúrio do intelectualismo. Assim, esta "filosofia" fica distante da vida e do homem, nada significando quando se requer presença e participação de todos.

O sábio Pascal propôs, alguma vez, deixar de lado as teorizações do cogito ipsun (*conhece-te a ti mesmo*), por ... sabes aquilo que podes fazer. Acreditava que unicamente podemos nos conhecer, ou reconhecer, pela ação que desenvolvemos, jamais pela especulação.

Considerava que a metafísica especulativa se criava e se desfazia em vórtices infinitos e que a introspecção teórica era um claro sintoma de "doença da alma". Elegeu, portanto, o caminho prático da Ética, que inspira e exige trabalho e participação na vida, e ainda por ela ser capaz de desarmar as ilusões do tempo e do espaço.

Realiza teu dever e saberás imediatamente quanto vales, diria Pascal. Porém, qual é seu dever? Aquilo que tens para realizar hoje, nos responderia Goethe. Desta maneira, ao ter realizado seu dever hoje, claro ficará seu dever seguinte.

Na Grande Sinfonia Vital, todos os homens são conclamados a participar, mas com suas possibilidades próprias e individuais. De outra forma, a grande obra não se completaria, nem a maravilhosa música se ouviria.

"Oh músicos da vida, afinai vossos instrumentos! A Grande Sinfonia está para começar!"

Os Editores

3 O HOMEM ECOLÓGICO, H. Skolimovski

13 O MONASTICISMO BUDISTA ZEN, Maria Luci B. Migliori

20 OS AFRESCOS DE DECANI

26 QUEM SÃO ESTES FILÓSOFOS?

28 A RACIONALIDADE E SEUS EFEITOS SOBRE A CONSCIÊNCIA HUMANA

33 A MÚSICA DAS ESFERAS, Alberto Marsicano

42 DIÁLOGO COM OS KÂLÂMAS, Nissin Cohen

46 DIONISO E A ALEGRIA DE VIVER, George Barcat

52 HUMOR

THOT 44, 1987 – EDITORIAL

Poucas são as publicações, da natureza da revista THOT, que, após doze anos de edição, podem se dar ao luxo não apenas de subsistir mas de crescer, aumentar sua tiragem, seus assinantes, seu número de amigos e leitores.

O primeiro exemplar editado foi o de setembro de 1975, e de lá para cá temos colhido experiências inestimáveis, que enriquecem tanto a revista quanto aos que participam de sua elaboração. Até o Nº 8 a THOT imprimia-se nas Escolas Profissionais Salesianas, cujas sugestões e apoio robusteceram nossos passos iniciais. Mais tarde, após termos adquirido a primeira máquina gráfica, os textos passaram a ser compostos na AGNS, logo no Caminho Editorial Ltda., finalmente em nossas próprias instalações.

Hoje, transcorridos esses 12 anos, a Revista THOT, pela primeira vez, mudou seu visual, seu formato, sua apresentação. Isto se deve à implementação de um sistema computadorizado no Centro Editor, o que, aliado às novas máquinas impressoras, possibilitará um trabalho mais eficiente e de melhor qualidade técnica.

O triunfo desta caminhada pertence, contudo, ao nosso amigo leitor, que através dos anos nos incentivou com sua receptividade sua comunicação fraterna, consolidando a possibilidade da existência de uma publicação não comprometida nem política, nem sectariamente; e cuja única razão é apontar, mostrar, dar a conhecer pensadores e pensamentos, filosofias e artes, culturas e religiões... Norteia a nossa proposta um espírito livre, de pesquisa; não possuímos a Verdade, acreditamos apenas termos o direito de estar em sua busca; busca que nos irmana a todos e que compartilhamos com todos, pois o mérito de qualquer empresa humana está na sua capacidade de unir os homens além das diferenças, salvar o lado positivo das contribuições do esforço humano.

Por isso, hoje estamos em festa e desejamos que você, leitor amigo, se junte a ela.

- 3 ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O DALAI LAMA, Lia Diskin
- 7 LITERA(VEN)TURAS COM BORGES, George Barcat
- 14 DO SAGRADO E DO PROFANO NAS SOCIEDADES ARCAICAS (I), Teresa de Barros Velloso
- 20 DANTE E A DIVINA COMÉDIA, Cláudio de Cicco
- 28 O COSMOS SEGUNDO A ESCOLA DE MILETO
- 36 MIGUEL DE UNAMUNO E SUA OBRA, Julián Marías
- 44 O RITMO DA VIDA ATRAVÉS DOS PLANETAS, Ilse Maria Spath
- 47 LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E SOCIEDADE INFORMATIZADA,
Henryk Skolimowski
- 54 CONTOS JAINISTAS

THOT 45, 1987 – EDITORIAL

Querido Leitor:

A história da humanidade poderia ser definida como a história de seus gênios. Heróis, santos e poetas têm suas tumbas – altares da humanidade – espalhadas pelo mundo todo. Suas inspiradas concepções, seus intuídos arquétipos, suas próprias vidas, são expressões corpóreas das dimensões de consciência que aproximaram de nós. Palavras, volumes, cores e sons, sabiamente enunciados por esses arautos, enriquecem as nossas vidas, orientando-nos os passos em direção a frutos amadurecidos da consciência.

Caro leitor, em cada edição da nossa revista esforçamo-nos por aproximá-la de um possível amigo de sua alma. Na busca dessa amizade maior, nossos artigos notabilizam ideias, sentimentos, intuições – biografias de estados de consciência que geraram caracteres dignos de emulação.

A história não resgata o que aconteceu a alguém, mas o que nos aconteceu, incorporando ao seu patrimônio as caleidoscópicas nuanças da epifania humana.

Os grandes, os numinosos, os transfigurados pela luz da alma, preparam nos seus moinhos internos a eterna farinha do pão do espírito. Pão que nos verticaliza e, por sua vez, transfigura-nos, abrindo as perspectivas de um autorreconhecimento além das limitações contingentes.

Se a definição de cultura é a qualidade com que se vive, então teríamos de concluir que as vidas desses homens povoaram a solidão e o vazio existencial de milhares de pessoas. Quem não sentiu em sua própria garganta o amargar da cicuta ao ler a vida de Sócrates? Quem não foi santificado ante os versos "Irmão Sol... Irmã Lua..."? Quem não chorou de espanto frente ao mármore de um "Moisés" ou de um "Davi"? Quem não chegou a intuir o inefável, conduzido até lá pela mão da música ou pela poesia?

Todos estamos em dívida com eles, principalmente porque não foram o frio e estéril eco das dores do mundo; pelo contrário: assumindo como próprias essas dores, transmutaram-nas alquimicamente no cadinho de seu amor e altruísmo.

Agradecer suas presenças numinosas significa ensinar o que eles nos ensinaram. Porque quem não vive como pensa acaba por pensar como vive.

E viver é uma arte, arte em que todos nós somos aprendizes mas alguns – poucos, pouquíssimos – são mestres.

BASILIO PAWLOWICZ

3 ENTREVISTA EXCLUSIVA COM JEAN CHARON, George Barcat

8 SER E ESTAR, Swami Tilak

11 TIBETE: ENTRE O PASSADO E O FUTURO, Lia Diskin

17 INTRODUÇÃO À LÓGICA DE ARISTÓTELES, José Caruso

21 VISITA A SARASHINA, Bashô - Trad. Alberto Marsicano

22 APROXIMAÇÃO À BERGSON, Nilton Almeida Silva

28 A ARTE DE IVAN MESTROVIC, Therezinha Siqueira Campos

31 "O MAIOR PEDAGOGO DE NOSSA ÉPOCA": ROMANO GUARDINI, Maria Luci B. Migliori

36 DO SAGRADO E DO PROFANO NAS SOCIEDADES ARCAICAS (II), Teresa de Barros Velloso

THOT 46, 1988 – EDITORIAL

Em busca da Verdade vamos tecendo ilusões. O que seria de nós sem elas? Como o berço protetor e aconchegante do útero materno, vão nos dando tempo para amadurecer, para alcançar a procurada independência. Nutrem a ousadia do voo livre, do grande salto que exige o decidir, o escolher, o separar o que se estima do que se teme.

Quem é que pode viver sem ilusões? Quem é que pode enfrentar a realidade sem aparências? Quem, com sinceridade de coração, é capaz de afirmar que não está iludido, entrincheirado no misericordioso muro da ilusão, anteparo desta fulgurante e fulminante avalanche da existência, cuja única determinação é continuar a existir?

As ilusões, como reentrâncias de um rochedo, acolhem nossos pés no galgar de uma aspiração que milagrosamente se renova – dia após dia, apesar de, a despeito de.

Não há verdade alguma a que tenhamos chegado a não ser por via da ilusão, e ela existe de modo tão verdadeiro que é pelo seu contraste com o real que este aparece de súbito na nossa consciência, tal como uma relíquia antes coberta por um manto, cujas dobras, zelosa e pacientemente, guardaram o brilho e a claridade virginal do tesouro.

Quantas e quantas vezes não fomos salvos do desespero por uma ilusão? Ela chega com vagar e se transmuta, se transfigura, até tornar-se o bálsamo adequado. De mãos dadas com ela avançamos entre as brenhas dos nossos anseios e, quando o terreno fica firme, ela se esvai e nos liberta da sua companhia, para aguardar-nos mais à frente, com outras cores e outras vestes. Nesse meio tempo continuamos nossa caminhada, apenas porque sabemos – com íntima certeza – que ela estará lá, pronta a pegar-nos novamente pela mão e andar, de modo imperceptível, ao nosso lado.

Ao fim das contas, esta mãe desprezada e que, não obstante, vela sem desmaio pela saúde interior, é de natureza tão plástica que até nos oferece a possibilidade de nos iludirmos a respeito de não estarmos iludidos.

Em desagravo da ilusão – e se autoridade do saber pode aqui ajudar-nos – foi o próprio discípulo de Sócrates quem cunhou a expressão "salvar as

aparências" (ou as "ilusões"); e Kant, ao falar das "ilusões transcendentais", deu-lhes a categoria de "naturais" e "inevitáveis".

LIA DISKIN

3 RAVI SHANKAR E O ESPÍRITO DA MÚSICA, Mario Schwarz

8 A NÁUSEA E A CULPA, Cid Marcus

11 PODER E COMUNICAÇÃO, Selma Maria de Almeida Santos e José Duarte de Freitas Fernandes

22 CONTO, Neusa Santos Martins

24 GOLPE DE SEITA, Osvaldo Baigorria

28 É POSSÍVEL ESTABELECEER UMA RELAÇÃO ENTRE A FÍSICA MODERNA E AS TRADIÇÕES DO BUDISMO TIBETANO, Henryk Skolimowski

31 O ORGANON, José Caruso

35 O SAGRADO E DO PROFANO NAS SOCIEDADES ARCAICAS (III), Teresa de Barros Velloso

THOT 47, 1988 – EDITORIAL

Neste final de século, quando os desencontros parecem estar na ordem do dia, ainda há espaço para significativos encontros. Um dos mais importantes das últimas décadas terá lugar em abril próximo, na Universidade de Oxford, Inglaterra, quando religiosos de diferentes credos, políticos, cientistas e pensadores reunir-se-ão durante cinco dias em torno de problemas tão urgentes para a sociedade moderna como o terrorismo e a violência, os direitos humanos, a poluição e a preservação da natureza, os valores éticos familiares e sociais, a educação e os meios de comunicação.

O encontro, intitulado "Assembleia de Líderes Espirituais e Políticos, Acerca da Sobrevivência Humana", contará com a presença de mais de cem participantes, dentre eles figuras do porte do Arcebispo de Canterbury, do Dalai Lama e do Or. Karan Singh, membros do clero judaico e do clero islâmico, o astrônomo americano Carl Sagan, o vice-presidente da Academia Soviética de Ciências, Dr. Yevgeny Velikhov.

Este projeto, acalentado há mais de quinze anos, tem por finalidade reunir em diálogo líderes religiosos, científicos, políticos, cujos princípios e decisões afetam diretamente a vida de povos e nações.

Tendo em vista os temas a serem abordados, a heterogeneidade dos participantes e a duração do encontro, ele será, sem dúvida alguma, um marco na história do diálogo interdisciplinar e internacional.

Fazemos votos para que a imprensa brasileira encontre espaço suficiente para dar cobertura a tão inspirador evento.

OS EDITORES

3 A MÃO QUE DÁ, Rolf Gelewski

5 A FILOSOFIA IN-SISTENCIAL, George Barcat

10 GANDHI, A ÉTICA E O DIREITO, Thomas Weber

18 MERLIN, Heinrich Zimmer

21 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO FRANCESA, Paulo Zingg

26 A EXPERIÊNCIA DE Pe. IPPOLITO DESIDERI NO TIBETE, Walter Gardini

37 COMEÇANDO PELA MORTE, Romão Trigo de Aguiar

THOT 48, 1988 – EDITORIAL

**"Todas as coisas temem o tempo,
porém o Tempo teme as pirâmides".**

Heródoto

Nos estreitos limites do espaço e do tempo a humanidade continua inventando suas torres de Babel, porém nada pode criar que não seja vencido por Cronos, que ininterruptamente devora seus filhos.

Ainda assim, com obstinação digna dos titãs, prossegue construindo o Céu na Terra, como resposta a uma nova lei de gravidade cujo centro é o desconhecido.

Obcecada por significados, reduz a Vida ao que pode pensar sobre ela.

Como Homero, ainda evoca os mortos. Como Dante, continua percorrendo os círculos infernais. Como Poe, segue atormentada pelos fantasmas e pelos espectros de seus fantasmas. Para cada resposta que ecoa na mente, multiplicam-se as perguntas, modernas Hidras de Lema.

Chegar e sempre recomeçar, partir. Extenuada pelas utopias, vencida infinitas vezes, recomeça seu caminho recusando-se a viver sem dignidade, atendendo à sagrada presença que a eleva e verticaliza.

Amigo leitor: A história toda, ao longo do tempo, exemplifica as respostas deste desejo maior de lutar para vencer os limites temporais. Entretanto, cremos que é absolutamente necessário o nosso descompromisso com a aparência do que chamamos "vida". A humanidade é o somatório dos vivos e dos mortos e a Vida, quando reduzida ao seu aspecto biológico, perde sua harmonia como um todo. Ser e não-ser são as caleidoscópicas manifestações do Silêncio. Supervalorizando a vida, menosprezamos o Silêncio que precedeu nosso choro e que nos continuará, transformando-nos em criaturas vitimadas pelo tempo.

Vencê-lo é viver a integral idade das manifestações da Vida e, com a plenitude da fé e do conhecimento, poder dizer, como faziam os discípulos de Hermes: "Eu sou o ontem. Eu sou o hoje. Eu sou o amanhã".

BASILIO PAWLOWICZ

12 WILLIAM BLAKE, Alberto Marsicano

14 ORIENTE-OCIDENTE, Heinrich Beck

18 AS FLORESTAS COMO SANTUÁRIOS, Henry Skolimowski

32 O CULTO DA EFICIÊNCIA, Cid Marcus

24 ALEXANDRA DAVID-NEEL, Kim Yeshi

36 ROLF GELEWSKI – SER A PRÓPRIA FONTE DA ESPONTANEIDADE E
CRIATIVIDADE, Atílio Avancini

40 PICO DELLA MIRANDOLA E A DIGNIDADE DO HOMEM, George Barcat

THOT 49, 1988 – EDITORIAL: Declaração sobre a violência

Acreditando que é nossa responsabilidade dirigirmos a atenção, a partir de nossas respectivas disciplinas, às atividades mais perigosas e destrutivas da espécie humana, a violência e a guerra; reconhecendo que a ciência é um produto cultural humano que não pode ser considerado definitivo ou onisciente; e agradecendo, reconhecidos, às autoridades de Sevilha e aos representantes da UNESCO espanhola o apoio recebido, nós, os signatários, estudiosos ligados, em todo o mundo, a ciências das mais relevantes, reunimo-nos e elaboramos a seguinte Declaração Sobre a Violência. Nela, desafiamos alegações baseadas em descobertas biológicas que foram utilizadas até mesmo por alguns filiados às nossas próprias disciplinas, para justificar a violência e a guerra. Consideramos que a clara rejeição dessas afirmações equivocadas poderá contribuir significativamente para o Ano Internacional da Paz.

O mau uso de teorias e dados científicos para justificar a violência e a guerra não é novo, vem sendo praticado desde o advento da ciência moderna. A teoria da evolução, por exemplo, foi utilizada para justificar não apenas as guerras mas também o genocídio, o colonialismo, a eliminação dos fracos.

Declaramos nossa posição sob a forma de cinco propostas.

É CIENTÍFICAMENTE INCORRETO dizer que herdamos, de nossos ancestrais animais, uma tendência para a guerra. Embora as espécies animais recorram com grande frequência à belicosidade, somente alguns poucos casos de lutas destrutivas entre as espécies foram verificadas entre grupos vivendo em liberdade, não tendo se dado, em nenhum desses casos, o uso de objetos como armas. Não se pode comparar a alimentação predadora normal com a violência intra-espécies. A guerra é um fenômeno caracteristicamente humano, que não ocorre com outros animais.

O fato de a arte bélica ter-se modificado de modo tão radical através do tempo significa que ela é um produto cultural. Sua conexão biológica faz-se principalmente através da linguagem, que possibilita a coordenação de grupos, a transmissão de tecnologia e o uso de instrumentos.

A guerra é biologicamente possível mas não inevitável, conforme evidenciam as variações de sua ocorrência e natureza no tempo e espaço. Existem culturas que não se envolveram em guerras durante séculos e

outras que delas participaram com frequência em determinadas épocas, abstendo-se em outras.

É CIENTÍFICAMENTE INCORRETO afirmar que a guerra ou qualquer outro comportamento violento está programado geneticamente em nossa natureza humana. Embora os genes participem, em todos os níveis, das funções do sistema nervoso, eles possibilitam um desenvolvimento potencial que somente pode concretizar-se com a associação ao meio ecológico-vital. Enquanto varia a predisposição dos indivíduos de serem afetados pela experiência adquirida, o que irá determinar-lhes a personalidade será a interação entre a constituição genética e as condições em que são criados. Com exceção de patologias raras, os genes não produzem necessariamente indivíduos predispostos à violência. Também não determinam o oposto. Embora os genes estejam envolvidos na definição de nossa capacidade comportamental, não especificam, por si mesmos, o resultado.

É CIENTÍFICAMENTE INCORRETO afirmar que no curso da evolução humana houve uma tendência maior para a seleção de comportamentos agressivos que para outros tipos de comportamento. Em outras espécies bem estudadas, o status dentro do grupo é consequência da capacidade de cooperação e da realização das funções sociais que são relevantes para a estrutura grupal. O “domínio” implica vínculos sociais e afiliações; não se refere apenas à mera posse e à utilização de uma força física superior, embora também abranja comportamentos agressivos. Nos casos em que a seleção genética foi artificialmente induzida em animais objetivando um comportamento agressivo, conseguiu-se produzir, com rapidez, indivíduos hiperagressivos; isso significa que a agressão não foi produto de uma seleção ocorrida num máximo de condições naturais. Quando esses animais hiperagressivos criados experimentalmente estão presentes num grupo social, rompem a estrutura social ou são expulsos do grupo. A violência não faz parte de nossa herança evolutiva nem de nossos genes.

É CIENTÍFICAMENTE INCORRETO dizer que os seres humanos têm um “cérebro violento”. Embora nosso sistema nervoso torne possível agir com violência, ele não é ativado de modo automático por estímulos

internos ou externos. Da mesma forma que em primatas superiores, e diferentemente de outros animais, nossos processos nervosos superiores filtram esses estímulos antes que possam ser acionados. A nossa maneira de agir é moldada com base em nossos condicionamentos e por nossa socialização. Não há nada em nossa neurofisiologia que nos obrigue a agir com violência.

É CIENTÍFICAMENTE INCORRETO afirmar que a guerra é causada pelo “instinto” ou por qualquer motivação isolada. O surgimento da guerra moderna foi uma viagem: da preponderância de fatores emocionais e motivacionais, às vezes chamados de “instintos”, até a primazia de fatores cognitivos. A guerra moderna implica o uso institucionais de características pessoais, como a obediência, a sugestibilidade e o idealismo; de capacidades sociais como a linguagem; de considerações racionais como o cálculo de custos, planejamento, processamento de informações. A tecnologia da guerra moderna mostra um excesso de características associadas à violência, tanto no treinamento de seus efetivos quanto ao ser preparado o apoio à guerra por parte da população em geral. Um resultado desse exagero é que essas características são frequente e equivocadamente tomadas como causa e não como consequência do processo.

Concluimos que a biologia não condena a humanidade à guerra e que a humanidade pode ser libertada do pessimismo biológico a que está submetida; que é capaz e confiável para encarregar-se das tarefas transformadoras necessárias a este Ano Internacional da Paz e aos anos vindouros. Embora essas tarefas sejam em sua maioria institucionais e coletivas, apoiam-se também na conscientização dos participantes individuais, cujo pessimismo e otimismo são fatores cruciais. Do mesmo modo que “as guerras começam na mente dos homens”, a paz também começa em nossas mentes. A mesma espécie que inventou a guerra é capaz de inventar a paz. A responsabilidade cabe a cada um de nós.

DAVID ADAMS, Psicologia, Universidade de Wesleyan, Middletown, EEUU
S.A. BARNT, Etologia, Universidade Nacional da Austrália, Camberra,
Austrália

N.P. BECHTEREVA, Neurofisiologia, Instituto de Medicina Experimental da
Academia de Ciências Médicas da URSS, Leningrado, URSS

BONNIE FRANK CARTER, Psicologia, Centro Médico Albert Einstein, Filadélfia, EEUU

JOSE M. RODRIGUEZ DELGADO, Neurofisiologia, Centro de Estudos Neurobiológicos, Madri, Espanha

JOSE LUIZ DIAZ, Etologia, Instituto Mexicano de Psiquiatria, Cidade do México

ANDREZEJ ELIZ, Psicologia das Diferenças Individuais, Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia, Polônia

SANTIAGO DENOVS, Antropologia Biológica, Instituto de Estudos Antropológicos, Cidade do México

BENSON E. GINABURG, Genética Comportamental, Universidade de Connecticut, EEUU

JO GROEBEL, Psicologia Social, Erziehungswissenschaftliche Hochschule, Landau, Alemanha

SAMIR-KUMAR GHOSH, Sociologia, Instituto Indiano de Ciências Humanas, Calcutá, Índia

ROBERT HINDE, Comportamento Animal, Universidade de Cambridge, EEUU

RICHARD HINDE, Comportamento Animal, Universidade de Cambridge, EEUU

TAKA H. MALASI, Psiquiatria, Universidade do Kwait

J. MARTIN RAMIREZ, Psicobiologia, Universidade de Sevilha, Espanha

FREDERICO MAYOR, Bioquímica, Universidade Autônoma, Madri, Espanha

DIANA L. MENDOZA, Etologia, Universidade de Sevilha, Espanha

ASHIS NANDY, Psicologia Política, Centro de Estudos de Desenvolvimento Social, Nova Delhi, Índia

JOHN PAUL SCOTT, Comportamento Animal, Universidade Estadual de Bowling Green, EEUU

RHTTA WAHLSTRON, Psicologia, Universidade de Jyväskylä, Finlândia

4 LITERATURA E TRANSCENDENCIA, Luiz Carlos Lisboa

8 UMA VISÃO GERAL DA PSICOLOGIA HUMANÍSTICA, Stanley Krippner e Roy J. de Carvalho

13 ROLF GELEWSKY – SER A PRÓPRIA FONTE DA ESPONTANEIDADE E CRIATIVIDADE, Atílio Avancini

17 ALEXANFRIA, EGITO: ENCRUZILHADA DE CULTURAS, José Pablo Martín

32 CRIAR, CRIAÇÃO, CRIATIVIDADE, Dr. Carlos Maria Martinez Bouquet

38 REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE, José Luiz Archanjo

42 A CIÊNCIA COGNITIVA E O BUDISMO, Conrad Richter

THOT 50, 1989 – EDITORIAL

Ainda não compreendemos que a vida é algo delicadamente frágil, que depende de uma organização complexa para se impor ao princípio de entropia. É por isso que podemos dizer que um inseto é várias vezes mais complexo que o sistema solar! Mas, infelizmente, os tamanhos impressionam em demasia ...

No universo humano, nada é mais entrópico que a violência. Poluição, mentiras, subornos, inflação, omissões, são atitudes que desorganizam tanto a intimidade como o espaço público; os juízos se desorientam, a vontade se desestrutura.

A violência está tão generalizada que a confusão e o desequilíbrio psicológico evidenciam-se em progressão geométrica. O pensamento – entendido como exercício do discernimento – é o único antídoto possível.

Teorias que analisam o que está acontecendo, temos tantas quantas quisermos; contudo, ainda não aprendemos a elaborar e qualificar o supremo ato da liberdade: a escolha.

O ato de escolher é um diálogo com as seduções do mundo. É um ato que desmascara os desejos de consumo e desperdício. Quem sabe escolher tal ou tal modo de agir, valoriza as horas de cada dia. A escolha é, pois, a melhor proteção que a vida pode ter contra a violência.

Durante toda a sua existência, a revista THOT não tem pretendido outra coisa senão propor abertamente a escolha, isto é, a capacidade de discernir, fonte e origem da liberdade.

Para além de todo o pseudoconhecimento e de toda pseudomística, a liberdade é a única ação capaz de reencantar o mundo.

George Barcat

4 O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI, R. RAPHAEL

15 PSICOSSOMÁTICA – UMA INTEGRAÇÃO CORPO-MENTE, Dra. Verônica Rapp de Eston

19 O QUE É A NOVA ERA? MOVIMENTO INGÊNUO OU RENOVAÇÃO DA CULTURA?, Pierre Weil

24 A FUSÃO DOS OPOSTOS, Heinrich Zimmer

28 NATIVIDADE, José Luiz Archanjo

35 MITOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, Luiz Carlos Lisboa

38 X CONFERÊNCIA TRANSPessoAL – A VISÃO TRANSPessoAL PASSADO,
PRESENTE E FUTURO, Roberfo Ziemer

42 HOMEM PALEOLÍTICO, CONHECIMENTO, POSSIBILIDADES E DÚVIDAS,
Jeferson Buscatto

THOT 51, 1989 – EDITORIAL

– Você não me entende. Não adianta ...

– Mas você disse, não disse?

– Eu posso ter dito, mas não era isso que eu queria dizer.

Você não compreende. Deixa pra lá. Você sempre me interpreta mal.

Quantas vezes ouvimos ou dissemos isso? Muitas. Mais do que gostaríamos, mais do que o necessário.

Há coisas que, por estarem ao nosso dispor e fazerem parte do cotidiano, acreditamos conhecer ou ter a habilidade de utilizar. O diálogo talvez seja uma delas. Entretanto, se fizermos uma retrospectiva e olharmos o panorama histórico dessa arte – porque de fato o é – concluiremos que o diálogo, como uma atividade irrestrita de todos para com todos, é algo novo, de aparição recente.

Com um médico, um padre, um político, um advogado ou um professor não se mantinha diálogo – apenas se escutava. Isso não faz muito tempo. Uma esposa conversava com seu marido um repertório limitado de assuntos, a maioria deles ligados aos afazeres domésticos, à saúde das crianças, às novas dos familiares – quem estava doente, quando nasceria o filho da prima, se a mãe viria ou não para o almoço do domingo ...

Uma suposta hierarquia de papéis regulava qualquer tipo de conversa, e mais ainda as possibilidades reais de diálogo.

Grande parte dos mal-entendidos ou dos relacionamentos difíceis entre pais e filhos, casais, partidos políticos, etc., é atribuída à falta de diálogo, ao pouco conhecimento que têm do outro as partes envolvidas. E aí para o diagnóstico, cuja prescrição é que conversem mais, que se aproximem em busca de pontos comuns, sem cogitar sequer que é necessário aprender a dialogar, o que não é igual a falar ou escutar, pois exige e supera a ambos em qualidade e intensidade.

Para haver diálogo é preciso que os participantes se predisponham, se automotivem e abracem uns aos outros no nível da questão que abordam. Se permanecerem engaiolados nos critérios particulares, não deixando espaço para o fluir de ideias que se vão entretecendo no curso de uma conversa, ideias que às vezes são sugeridas por um gesto, por uma inflexão de voz e, até, pelo silêncio, o dia-logos (entre ideias) não se estabelece. E conste que essa esterilidade não ocorre apenas se um dos

envolvidos, embriagado pelas próprias ideias, passa a monologar ocupando todo o espaço da relação estabelecida. Não. O outro, embriagado também, mas com as ideias que não expressa, coopera deixando que lhe usurpem a oportunidade para, mais tarde, reclamar contra a injustiça da qual foi cúmplice.

Dialogar, como dissemos, é uma arte, e uma arte nova na qual podemos nos exercitar, e até nos tornar mestres. A interdependência, tão evidente em nossos dias, reclama o diálogo, a correta motivação para expor os nossos sentimentos, critérios, dúvidas e, igualmente, para que nos abramos a fim de receber o que outros têm a oferecer, a dizer. Ao fim das contas, se é pelo fruto que se conhece a árvore, é pelo que escutamos e falamos que podemos conhecer a profundidade das raízes dos sentimentos que se põem em jogo numa relação humana.

Por isso não basta apenas falar, não basta apenas escutar, é tempo de diálogo.

Lia Diskin

3 VALORES TRADICIONAIS E VALORES DA ECOLOGIA, Henryk Skolimowski

8 O UNIVERSO MÁGICO DOS CIGANOS, Rosangela Carvalho

15 À BEIRA DO NOVO, Carlos Maria Martínez Bouquet

20 RESSONÂNCIA MORFOGENÉTICA, Rupert Sheldrake

24 O LIVRO DO CALMO PENSAR, Francesco Ferrari

26 O NOVO HUMANISMO DE MIRCEA ELIADE, Walter Gardini

30 ... E ATÉ OS ANTEPASSADOS, Paul Jordan-Smith

35 A RESISTÊNCIA AO TRANSPESSOAL E A ABORDAGEM HOLÍSTICA DO REAL, Pierre Weil

40 O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI, R. Raphael

THOT 52, 1989 – EDITORIAL

Viver neste final de século está se tomando um privilégio. Privilégio nunca experimentado pelo homem em outros tempos, quando as mudanças e transformações aconteciam vagarosamente, de modo quase imperceptível, não chegando a abalar as bases existenciais e espirituais de uma mesma geração.

Hoje presenciamos uma torrente de mudanças em todos os âmbitos. Nada escapa a esta revolução espiritual, científica, político-social, ética e psicológica que atinge todos os indivíduos, nos quatro cantos do planeta.

Conhecimentos que outrora eram de domínio de círculos pequenos, de difícil penetração, estão hoje ao alcance de todos. Livros de ciência suscitam o interesse de milhares; assuntos teológicos são discutidos em reuniões de jovens, no seio das famílias e até em barzinhos noturnos. Medicina e saúde são temas de conversa diária, como o são a economia e a política internacional.

Isto é inédito no panorama da história: nunca tantos tiveram acesso a um leque tão amplo de conhecimentos. Porém, o mais surpreendente ainda é perceber o despontar de uma humildade crescente por parte dos detentores de tais conhecimentos, que já não se confinam em castelos murados, nem fazem uso de uma linguagem hermética, mas que, pelo contrário, se esforçam por tornar suas ideias claras e acessíveis a todos.

O homem do nosso tempo quer saber e, sobretudo, quer saber de si, busca compreender-se, discute o seu papel no mundo, e para isso recorre a tudo quanto lhe possa ser útil. As tradições – tanto orientais como ocidentais – estão desempenhando uma função vital neste contexto: são a fonte de referências que norteia essa inquietação. Poderá dizer-se que a busca é, ainda, muito infantil, dando lugar a sectarismos e fundamentalismos de toda espécie, além de gerar uma grande confusão de ideias, fruto da superficialidade e do vício consumista. Contudo, não seria justo pretender outra coisa. Essa busca - nas proporções em que está acontecendo – é muito recente, carece de experiência e, por conseguinte, tem raízes pouco profundas.

A criatura humana não é um produto acabado, mas um processo, e nele o despertar já é um fato. O homem está tomando contato consigo mesmo,

começa a descobrir que sabe pouco a seu respeito e que o mundo que vê a sua volta tem horizontes bem mais vastos que os que supunha.

A presente edição da THOT está dedicada a esse despertar, a essa busca. Escolhemos, para tal propósito, artigos e entrevistas de pensadores contemporâneos pertencentes a diferentes tradições religiosas e correntes filosóficas. Para além das diferenças, porém, todos eles expressam o legítimo anseio de uma vida mais plena, de uma compreensão maior da realidade e de uma convivência pacífica com seus semelhantes e o universo – sinais estes de um indiscutível despertar que começa a bater às portas do coração do homem deste final de século.

Lia Diskin

3 SUA SANTIDADE O DALAI-LAMA VISITA A AMÉRICA LATINA, José Ignacio Cabezón

5 RESPONSABILIDADE UNIVERSAL, Tenzin Gyatso, XIV Dalai-Lama

9 A VISÃO DO MUNDO ATRAVÉS DOS TEMPOS, Verônica Rapp de Eston

18 ECOS DO INFINITO, Entrevista com Seyyed Hossein Nasr

25 XAMANISMO, MITOLOGIA PESSOAL E MUDANÇA DE COMPORTAMENTO, Stanley Krippner

31 DIÁLOGO SOBRE O DESPERTAR, Pierre Weil e Walt Walton

41 INDIVIDUAÇÃO: DE JUNG A HOLOS, Roberto Crema

45 EMERGÊNCIA ESPIRITUAL E VÍCIO: UMA ABORDAGEM TRANSPessoAL DO TRATAMENTO DO ALCOOLISMO E DO USO DE DROGAS, Jacquelyn Small

58 NO ESPÍRITO DA FILOSOFIA, Entrevista com Jacob Needleman

64 PROCLAMAÇÃO DIRIGIDA À FEDERAÇÃO MUNDIAL DE PSIQUIATRAS REUNIDA EM CONGRESSO, Carfos María Martínez Bouquet

65 VIAGEM PARA O AMOR, Frei Patrício Sciadini, OCD

69 A BATALHA DOS PARADIGMAS, Entrevista com Ken Wilber

THOT 53, 1990 – EDITORIAL

Dedicamos este número da THOT a uma dessas questões fundamentais na história do homem que, nestes últimos tempos, vem ocupando e preocupando todas as áreas do saber – a Paz.

Entre outros artigos, reúnem-se aqui, centrados nesse tema, dois pensadores que orbitam em campos, de ação aparentemente distantes – o Prof. Ubiratan D'Ambrosio, no das ciências exatas, e o Prof. Pierre Weil, no das humanas.

Em 1983, o Swami Tilak visitou pela última vez o Brasil. Na oportunidade, durante uma das suas palestras, relatou-nos um conto da vastíssima tradição oral do Oriente que, acreditamos, possa ser um aporte valioso na busca da implementação da Paz.

Certa feita, um menino quis desafiar um sábio que passava pela sua aldeia. Com um passarinho preso nas suas mãos, aproximou-se dele e perguntou-lhe:

– Tenho um pássaro entre as mãos. O senhor sabe se ele está vivo ou está morto?

Obviamente a pergunta era maldosa, pois se o sábio respondesse que o pássaro estava vivo, o menino pretendia esmagá-lo; se respondesse que morto, abriria suas mãos e o deixaria voar. Contudo, a esperteza do menino sequer desconfiou da extensão dos horizontes da sabedoria, ficando perplexo ante a resposta do venerável homem.

– Isso depende apenas de você, meu filho.

Na vida, nem sempre é possível escolher as situações pelas quais passamos. O contingente é uma constante e uma constante inevitável. Entretanto, sempre é possível escolher o modo, o como vivermos essas situações; é aí que reside a nossa liberdade, a única que podemos verdadeiramente exercer.

Fazer a paz ou fazer a guerra no nosso dia-a-dia, dentro do nosso lar, com o nosso vizinho, com o colega de trabalho ou estudos, com o nosso próximo na rua, no ônibus ou numa reunião de amigos, depende da nossa escolha. É como se a própria sabedoria encarnada na vida estivesse nos dizendo a todo instante:

– Isso depende apenas de você, meu filho.

Lia Diskin

3 AS VÁRIAS DIMENSÕES DA PAZ E A SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE,
Ubiratan D'Ambrosio

13 THÉTIS, Ignacio da Silva Telles

18 O GRANDE APRENDIZADO, Tâ Hsio; Liki – Capítulo XLII (Tradução de
Nissim Cohen)

19 O IMPACTO DA CIÊNCIA SOBRE A VISÃO DO MUNDO, Verônica Rapp de
Eston

29 FRITHJOF SCHUON, UM PENSADOR PARA O NOSSO TEMPO, Mateus
Soares de Azevedo

31 CRISTIANISMO E BUDISMO, Frithjof Schuon (Tradução de Alberto
Queiroz)

35 UMA NOVA ABORDAGEM DO TRABALHO COM SONHOS, Robert Ziemer

39 A PAZ NO ESPÍRITO DOS HOMENS, Pierre Weil e Maurício Andrés
Ribeiro

45 ALGUNS ASPECTOS DA TOLERÂNCIA E DA INTOLERÂNCIA NA ÍNDIA,
Juan Miguel de Mora

THOT 54, 1991 – EDITORIAL: O PRÍNCIPE E O MAGO

Era uma vez um jovem príncipe, que acreditava em tudo, exceto em três coisas. Não acreditava em princesas, não acreditava em ilhas, não acreditava em Deus. Seu pai, o rei, disse-lhe que tais coisas não existiam. Como não havia princesas ou ilhas nos domínios de seu pai, e nenhum sinal de Deus, o príncipe acreditou no pai.

Um dia, porém, o príncipe fugiu do palácio e dirigiu-se ao país vizinho. Lá, para seu espanto, viu ilhas por toda a costa, e nessas ilhas viu criaturas estranhas e perturbadoras, às quais não se atreveu a dar nome. Quando estava procurando um barco, um homem vestido de noite dele se aproximou na beira da praia.

– Estas ilhas são de verdade? - perguntou o jovem príncipe.

– Claro que são ilhas verdadeiras – disse o homem vestido de noite.

– E aquelas estranhas e perturbadoras criaturas?

– São todas autênticas e genuínas princesas.

– Então, também Deus deve existir! – bradou o príncipe.

– Eu sou Deus – replicou o homem vestido de noite, com uma reverência.

O jovem príncipe retomou a casa tão depressa quanto pôde.

– Então, estás de volta – disse o pai, o rei.

– Vi ilhas, vi princesas, vi Deus - disse o príncipe num tom reprovador.

O rei não se abalou.

– Não existem ilhas de verdade, nem princesas de verdade, nem um Deus de verdade.

– Eu os vi!

– Diga-me como Deus estava vestido.

– Deus estava todo vestido de noite.

– As mangas de sua túnica estavam arregaçadas?

O príncipe lembrou-se de que estavam. O rei sorriu.

– Isso é o uniforme de um mago. Você foi enganado.

Com isto, o príncipe retomou ao país vizinho e foi para a mesma praia, onde mais uma vez encontrou o homem todo vestido de noite.

– Meu pai, o rei, contou-me quem és – disse o príncipe indignado. Tu me enganaste da última vez, mas não o farás novamente. Agora sei que estas não são ilhas de verdade, nem aquelas criaturas são princesas de verdade, porque tu és um mago.

O homem da praia sorriu.

– És tu que estás enganado, meu rapaz. No reino de teu pai existem muitas ilhas e muitas princesas. Mas tu estás sob o encanto de teu pai, logo não podes vê-las.

O príncipe, cabisbaixo, voltou para casa. Quando viu o pai, fitou-o nos olhos.

– Pai, é verdade que tu não és um rei de verdade, mas apenas um mago?

O rei sorriu e arregaçou as mangas.

– Sim, meu filho, sou apenas um mago.

– Então o homem da praia era Deus.

– O homem da outra praia era outro mago.

– Tenho de saber a verdade, a verdade além da magia.

– Não há verdade além da magia – disse o rei.

O príncipe ficou profundamente triste.

– Eu me matarei – disse ele.

O rei, pela magia, fez a morte aparecer. A morte ficou junto à porta e acenou para o príncipe. O príncipe estremeceu. Lembrou-se das ilhas belas mas irreais e das princesas belas mas irreais.

– Muito bem – disse ele –, eu aguento tudo isto.

– Vê, meu filho – disse o rei –, tu também, agora comesças a ser um mago.

Reproduzido de *The Magus*, por John Fowles,
Dell Publishing Co. Inc., pp. 499-500.

Amigo leitor:

A vida é uma sucessão infinita de encantos e desencantos, e toda “verdade” – preocupação apriorística – é resultado de uma nova visão sob o encanto do entorno e das circunstâncias.

Devido a essas visões, acreditamos ou deixemos de acreditar, criamos o mundo e ele nos cria perpetuamente no maior drama mágico da vida: existir aceitando a finitude, a incompletude, o desconhecimento do propósito final da existência – “não há verdade além da magia”, disse o rei.

A verdade sempre tem o tamanho do homem que a sustenta, e sendo este um projeto aberto, não aceita a pedra final que complete a sua estrutura. Um fanatismo dialético de sínteses que se superpõem persegue a humanidade, na esperança de que o infinito e absoluto possa ser encontrado no espaço e no tempo.

A devoção dos temistas pelo aristotelismo encobriu com êxito as concepções mágicas da sabedoria hermética, tida na Antiguidade como um vasto conglomerado de correspondências. Todas as coisas se tocam num encadeamento infinito posto a vibrar pelo Mistério numa relação de simpatias e antagonismos.

Ao sacralizar **ciência** e **logos** em detrimento de **consciência** e **eros** nasceu a paranoia (falso conhecimento), que se manifesta como a ruptura do Único em partes – psíquico e material, mente e corpo etc.

O real, a verdade, é o “todo” que conheço. Alienado por analogias, a coroa faz rei, em consequência os esquizofrênicos são magos que fracassaram na criação de seus mundos separando-se da realidade para viver suas fantasias.

A magia elimina a linearidade entre erro e verdade – o tempo torna-se circular, cria para ser criado. É a grande oportunidade de reconciliar o saber da cabeça com o saber do coração. Para exemplificar isto, imagine-se encontrar a Verdade, o Absoluto, Deus. Qual seria o passo seguinte? Apenas conceitos, objetos, ocupando lugar na vida corriqueira porque a “Verdade Final” acabaria com os objetivos da vida. E o que faríamos então?

A conquista de verdades teóricas, verdades mentais, não liberta! “Não há verdade além da magia” – o mundo é como o pensamos, sua qualidade depende de nosso pensamento, e cada um tem de viver no mundo que cria, e lidar com o que finge ser.

Assim o alcoólatra redimido volta ao mundo dos alcoólatras para ensinar sua fórmula triunfante; o santo volta ao mundo dos pecadores para pregar sua necessária conversão, volta vazio de mundo para que se venere o Mistério e não os seus reveladores – magos circunstanciais que criam mundos que encobrem o Real.

A magia é a condição natural do mundo, projeções mentais que encobrem a realidade. A verdade é o próprio estado natural das coisas.

Como chamaremos a quem, despertando do sonho da matéria, do torpor dos sentidos, possa estar unido com a vida por toda a vida, com amor?

Basilio Pawlowicz

2 EDITORIAL

4 A MENTE ABERTA, Charles T. Tart

11 ORDEM E "POGRÉSSIO", Vanilson Lima

18 VATICÍNIO EXISTENCIAL, José de Anchieta Falleiros

22 UMA ABORDAGEM REALISTA DO BUDISMO TIBETANO, Alexander Berzin

26 E AGORA JOSÉ, PARA ONDE VAMOS?, Verônica Rapp de Eston

37 O QUE É UM XAMÃ? DEFINIÇÃO, ORIGEM E PROPAGAÇÃO, Roger Walsh

43 VALORES ÉTICOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, Pierre Weil

THOT 55, 1992 – EDITORIAL

Inconsequência. Passividade. Substantivos desse tipo são usados com muita frequência para qualificar o brasileiro. Não cabe aqui contestar a autoridade de quem os usa. O que, sim, gostaríamos de deixar assentado, é que este exemplar da THOT que você tem nas mãos é fruto da consequência e diligência dos nossos leitores e assinantes.

Nossas últimas edições sofreram atrasos constantes, em grande parte devido à precariedade de recursos materiais e à natureza da equipe editorial – todos voluntários. Recebemos dezenas, centenas de reclamações, por carta, telefone, pessoalmente. Foram essas reclamações que nos incentivaram a encontrar uma solução para os atrasos, pois nos deram a medida da receptividade desta publicação: os leitores esperam cada edição e, se ela não aparece, sentem falta – chame-se isso de inconsequência!

A equipe editorial é exatamente a mesma desde o primeiro número, publicado em setembro de 1975, e muitos dos colaboradores daquela época ainda fazem parte da redação.

Dezessete anos se passaram. Crescemos juntos, a THOT e nós. Hoje, sabemos que as intenções, por mais sinceras e altruístas, não bastam – é necessário ativar meios competentes para traduzí-las em fatos. Assim, ao trabalho dos voluntários somamos a eficiência dos profissionais que, sem sombra de dúvida, enriqueceram as feições da nossa THOT.

As mudanças, no entanto, conservaram intato seu espírito. Mais do que nunca, o intuito é:

- aproximar o leitor das grandes questões filosóficas, que não são apenas teóricas, mas existenciais, viscerais, e se embrenham nos anseios mais legítimos de crescimento e transcendência;
- apresentar diferentes visões de mundo, sem buscar nelas outro denominador comum a não ser o da inesgotável criatividade humana;
- pensar e repensar a vida, as tradições, as culturas e seus valores;
- descortinar símbolos e mitos que fazem da humanidade um projeto em aberto, onde quedas e ascensões constituem o respirar desse organismo vivo;

- aprimorar nossas perguntas, de modo que nenhuma resposta possa tornar-se definitiva.

Obrigados pelas reclamações, caro leitor. Esperamos contar sempre com elas.

Os editores

3 GANHAR DINHEIRO SEM PERDER A ALMA, Entrevista com Jacob Needleman

10 CRISE E TRANSFORMAÇÃO, Elíana Bertolucci

16 ESCORPIÃO, O SIGNO DA MUDANÇA, Cid Marcus

20 AS MÁSCARAS DE DEUS, Joseph Campbell

22 SONHAR RESOLVE?, Stanley Krippner

26 PAZ NO MUNDO, Chagdud Tulku Rinpoche

29 A TRISTEZA DE PLATÃO, George Barcat

36 ECOLOGIA, COMO UMA RELIGIÃO, Henryk Skolímowski

THOT 56, 1992 – EDITORIAL – Boas-vindas ao Dalai Lama

Este é um número muito especial, pois de coração, estamos dando boas-vindas a Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, em sua primeira visita ao Brasil.

O interesse de vários setores pela vinda de Sua Santidade – que retoma com inabalável força a obra de Mahatma Gandhi – prova a oportunidade de sua mensagem de não-violência e cooperação: o vigor com que ela ecoa na cultura emergente deste fim de século é inegável.

Congratulamo-nos com a sociedade civil, com a comunidade religiosa e acadêmica e com a imprensa brasileira. Elas nos propiciaram o privilégio de contar com tão iluminadora presença.

OS EDITORES

2 DEBATE COM O DALAI LAMA: O BUDISMO DIANTE DA CIÊNCIA

19 O OUTRO LADO DA VIRTUDE, Martin Lings

25 O CORAÇÃO DA FILOSOFIA, Jacob Needleman

29 A CURA PELOS SONHOS, Roberto Ziemer

38 TERCEIRA IDADE: O DOMINGO DA VIDA, Verônica Rapp de Eston

46 UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE, Carmen Fischer

48 ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA, Henryk Skolimowski

THOT 57, 1993 – EDITORIAL *Como é possível que um ser...*

Se eu perguntar a alguém o que fez, o que escutou, o que cheirou, tocou e saboreou ontem, o mais provável é que eu receba apenas, como resposta, um tênue e superficial esboço das poucas coisas que esse alguém notou – e apenas daquelas que considerou dignas de recordar, Será surpreendente que uma existência experimentada dessa maneira pareça tão vazia e nua que sua fome por um futuro infinito se torne insaciável? Mas suponhamos que essa pessoa me responda: "Eu levaria toda a vida para lhe contar e estou demasiado interessado pelo que está acontecendo agora".

Como é possível que um ser com joias tão sensitivas quanto são os olhos, com tão encantados instrumentos musicais como os ouvidos e com um arabesco de nervos tão fabuloso como é o cérebro se possa sentir algo menos do que um deus? E, quando consideramos que este organismo incalculavelmente sutil é inseparável dos ainda mais maravilhosos padrões do seu meio ambiente – desde os menores impulsos elétricos até a companhia inteira das galáxias – como é possível conceber que esta encarnação de toda a eternidade tenha tédio de existir? *

* Allan Watts, Tabu, Editora Três, São Paulo, s/d, p. 112

2 ENTREVISTA COM GRAIG GIBSONE: GUERREIROS DO CORAÇÃO, Roberto Ziemer e Graciela Karman

10 ECOLOGIA PROFUNDA: UM NOVO RENASCIMENTO, Fritjof Capra

16 PROFECIAS E A CIÊNCIA DO CAOS, Conrad Richter

22 MITOS DA ISLÂNDIA, Cláudio Daniel

26 O Caminho Espiritual, Frances Vaughan – Tradução e adaptação de Verônica Rapp de Eston

30 ENSINAMOS O QUE SOMOS, Joseph Chilton Pearce

32 CARTA DE CANELA: O FUTURO EM NOSSAS MÃOS

36 EPIFANIAS: Oração ao Dalai Lama

THOT 58, 1993 – EDITORIAL: A convivência: nosso desafio

O nosso editorial já estava pronto quando, inesperada e timidamente, os meios de comunicação anunciavam o reconhecimento mútuo da Palestina e Israel. Anos de desencontros e intransigência chegavam ao fim, descortinando um novo horizonte ante o olhar perplexo e incrédulo do mundo todo.

O que parecia impossível, aconteceu - a paz está declarada! Mas todos sabemos que a paz não é tão ligeira quanto as guerras – quando estas explodem, alastram-se sem demora.

Em contrapartida, a paz é vagarosa, exige cultivo, paciência, disponibilidade para com o outro – cujas perspectivas e anseios têm que ser contemplados. Ela exige diálogo, participação, convergência, acalentamento de sonhos comuns, preocupação pela felicidade e bem-estar do outro. Isto ainda não é um fato, seja na Palestina e Israel ou outro lugar; ainda estamos longe, mas tudo indica que começamos a entender que a convivência é o maior desafio que temos pela frente – ela testa a nossa inteligência, nossos talentos e nossa capacidade de perdão. Testa a nossa criatividade no campo interpessoal e coletivo.

As conquistas tecnológicas, nas quais aplicamos tanta genialidade e investimentos, não conseguirão por si sós pacificar um planeta onde pipocam fundamentalismos religiosos e xenofobias de toda espécie.

Poder comunicar-se com alguém que está no outro lado do hemisfério é, sem dúvida, uma grande conquista, porém uma conquista maior seria poder comunicar-se com o vizinho; esse, ao qual não dirigimos a palavra faz anos. Este é o real desafio – ele nos incita a buscar vias de trânsito interno que nos aproximem do nosso semelhante, tão semelhante que tem as nossas mesmas dificuldades.

Portanto, declarar a paz é, um primeiro passo - corajoso e abençoado! –, agora será necessário aprendermos juntos a dar os seguintes.

Para os que acreditam – tempo de celebração!

Os editores

2 ENTREVISTA COM MORRIS BENNAN: O CAMINHO CRÍTICO, Barbara Goodrich-Dunn

15 OS SETE CHACRAS, Frances Vaughan,

22 UM NOVO PARAÍSO OU A MORTE UNIVERSAL?, Ubiratan D'Ambrosio

27 O FEMININO RESGATADO OU A POESIA NO COTIDIANO, Vera Lúcia Paes de Almeida

31 AS CRIANÇAS DO MUNDO E A FELICIDADE, Léo Matos

38 O AMOR, Lia Diskin

44 EPIFANIAS, Nada de nada

THOT 59, 1994 – EDITORIAL: Entre o Mosteiro e a Empresa

Em uma reunião recente da equipe de redação, falava-se da necessidade de cumprir prazos a fim de melhor atingir os objetivos. Alguém salientou que a qualidade do "mosteiro" teria de aliar-se à eficiência da "empresa". A imagem – muito feliz e poderosa – ficou reverberando em nossa mente e, quando demos uma última olhada nas matérias desta THOT, ficamos perplexos ao descobrir que isso estava refletido em dois artigos: o do Dr. Humberto Mariotti e o de André Porto.

Até não faz muito tempo, eram espaços distantes, quase opostos. Em um, buscava-se aquela realidade não perturbada pelas contingências e vicissitudes de nosso dia-a-dia – uma realidade além de fracassos e sucessos, longe da correria e agitação que provoca o estar inserido no tempo, onde dependemos uns dos outros para levar a cabo nossas responsabilidades e propósitos. No outro, criavam-se estruturas hierárquicas onde as funções individuais se articulavam com o único intuito de produzir bens e serviços e, obviamente, lucro.

No mosteiro – por assim dizer – dava-se as costas ao mundo; na empresa ficava-se imerso nele. Contudo, hoje presenciamos um esforço gigantesco por parte dos empresários em busca de excelência e humanidade. O lucro, por si só, já não justifica tudo, e é incapaz de preencher os anseios de auto-realização, crescimento e plenitude tanto de empregados quanto de empregadores. Os investimentos destinados à área de Recursos Humanos, os seminários e workshops visando relações mais sadias e fecundas entre dirigentes e dirigidos nunca foram tão expressivos como nos últimos anos.

Os esforços que vêm realizando as instituições religiosas não são menores. Eles se dirigem à aquisição de métodos e tecnologias que possibilitem a transmissão mais clara e eficiente das suas mensagens. Assim, compram redes de televisão, rádios, jornais, procurando uma linguagem mais acessível e direta. Alguns ritos e cerimônias tomaram-se verdadeiros "espetáculos" espirituais, e nada há de sacrílego nisso. Os fiéis querem ser movidos, comovidos pelo sagrado, participar da celebração e consagração de suas vidas.

Tudo indica que o abismo entre o mosteiro e a empresa começa a encurtar-se. Ambos buscam-se e por isso mesmo se aproximam. É um movimento novo, trôpego, mas evidente. Seu espírito conciliatório evoca

as palavras de Novalis: "O lugar da alma é ali, onde os mundos exterior e interior se encontram".

Os editores

2 ENTREVISTA: BORGES REVISITADO

10 ENTRE O CÁLICE E A ESPADA, Riane Eisler

13 AS DEZ FIGURAS DO VAQUEIRO NO CAMINHO DO ZEN, Veronica Rapp de Eston

22 O SOL, NOSSA ESGOTÁVEL FONTE DE ENERGIA, Carlos Alfredo Arguello

25 CARMA: AÇÃO E DESTINO, Manoj Das

27 CULTURANÁLISE, Humberto Mariotti

33 O PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO, André de Oliveira Porto

36 A ESPIRAL CONTEMPLATIVA, Vera Lúcia Paes de Almeida

40 EPIFANIAS, Saadi

THOT 60, 1995 – EDITORIAL: Boas notícias que merecem destaque

Todos sabemos quanto nos custa mudar hábitos de vida, mesmo para implementar atividades que, temos certeza, são boas para nós. Se essa dificuldade é fato no âmbito individual, no coletivo não poderia ser de outro modo. Uma queixa frequente é acerca da lentidão em efetivar mudanças já ratificadas em fóruns internacionais ou pelo consenso nacional. Exemplo disso é a Agenda 21, compromisso assumido pelos governos de 179 nações na ECO 92.

Contudo, grande parte dessas queixas advém do desconhecimento de inúmeros esforços feitos no mundo todo para quebrar resistências, hábitos de comportamento e medo de mudanças. A partir deste número 60, a revista THOT passa a publicar a seção PAINEL, para levar ao leitor brasileiro informações e notícias que encontram pouco ou nenhum espaço nos meios de comunicação em geral. São essas, no entanto, as notícias que revelam os esforços, na maioria das vezes anônimos, que alimentam incansavelmente nossas reservas de esperança, de renovação e de utopia.

Os editores

2 ENTREVISTA: ISABEL ALLENDE Michael Toms

12 ANO DA TOLERÂNCIA: DEPOIMENTOS

18 A CERIMÔNIA DO CHÁ, Muriyama Coen-San

23 O PENSADOR G. BATESON, Humberto Mariotti

28 PAINEL INFORMATIVO

31 MANDALA. DO LIVRO *YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE*, Mircea Eliade

37 JOCOB BOEHME, FILÓSOFO, Américo Sommerman

40 EPIFANIAS, Uma história do Talmude

THOT 61, 1995 – EDITORIAL: Um veículo transdisciplinar

A evolução contemporânea em direção ao nosso autoconhecimento, à percepção de nossas relações interpessoais e à nossa inserção na sociedade, no planeta e no cosmos, tem revelado distorções perigosas. Isso torna urgente uma busca global e transdisciplinar de novas direções para essa evolução. Estamos empenhados nessa tarefa.

Está claro que a proposta global e transdisciplinar não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e muito menos uma nova postura religiosa ou um modismo. Ela reside em uma atitude de respeito mútuo e humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e conhecimentos, rejeita qualquer tipo de arrogância e prepotência e é, em essência, transcultural: acolhe ideias de todas as religiões do planeta, de tradições diferentes, de indivíduos de formação e experiência profissional as mais diversas.

Por tudo isso, como faz há 20 anos, THOT mais uma vez reafirma seu empenho em ocupar o amplo espaço das relações e interfaces entre as várias especialidades e disciplinas, na vanguarda de um pensamento transdisciplinar e desafiador.

2 ENTREVISTA COM LORRY DOSSEY, Ted Braude

12 PODER E CONHECIMENTO NO SÉCULO 21, Morris Berman

17 DIMENSÕES DA DANÇA EXPRESSIVA, Vera Lúcia P. de Almeida

21 PAINEL INFORMATIVO

23 A INFÂNCIA VISTA PELA PSICO-HISTÓRIA, Clara A. Colotto e Roberto Ziemer

30 SESSÕES DE CURA DO LAMA JAMPA RIMPOCHÊ, Arnaldo O. Bassoli Júnior

37 ANAÏS NIN: UMA ESCRITORA EM BUSCA DO FEMININO, J.C. Ismael

40 A LIDERANÇA DOS MAIS VELHOS, David T Kyle

44 EPIFANIAS, Amor e conhecimento

THOT 62, 1996 – EDITORIAL: IDEIAS E TRADIÇÕES AFRICANAS

No livro *Competindo pelo Futuro*, os professores Hamel e Prahalad contam um interessante experimento realizado com macacos.

Numa sala, em cujo centro estava instalado um mastro com um cacho de bananas no alto, colocaram quatro macacos. Um deles, afoito, escalou o mastro com o propósito de alcançar as bananas. Quando já estava próximo, uma ducha de água fria despencou sobre sua cabeça. Visivelmente desapontado, o macaco desceu do mastro.

Os outros macacos, um de cada vez, tentaram chegar até as bananas. Mas a água fria sempre os recebia antes de atingirem o propósito.

As tentativas repetiram-se várias vezes. Finalmente os quatro desistiram das bananas.

Um dos macacos foi retirado da sala e substituído por outro. Este iniciou a subida no mastro. Os outros três, que originalmente estavam na sala, o desencorajaram impedindo sua escalada. Novas tentativas foram iniciadas e, apesar de não ter recebido nenhuma ducha fria, o novo macaco abandonou a empreitada.

De maneira sucessiva os três macacos restantes foram substituídos por novos e a cena sempre se repetia: tentavam, eram desencorajados e desistiam, embora nenhum houvesse recebido a ducha fria, que já havia sido desativada.

Talvez muitos dos nossos preconceitos – conscientes e inconscientes – tenham uma origem semelhante, e sabemos que eles não se restringem à esfera das crenças. Permeiam todo o nosso saber, querer, sentir e agir.

Refletindo sobre isto, nos deparamos perplexos com o fato de nunca termos publicado uma matéria sobre cultura ou tradições africanas, embora a nossa revista já tenha mais de vinte anos. Em busca de reparação, iniciamos conversas e pesquisas que nos conduziram a um universo de ideias e tradições de grande riqueza. Riqueza que, nesta edição, começamos a compartilhar com vocês.

Os Editores

- 2 ENTREVISTA COM LLOYD DEMAUSE, Roberto Zierner
- 10 ESPIRITUALIDADE NAS ESCOLAS, Ubiratan D'Ambrosio
- 14 EM DIREÇÃO À ÁFRICA, Daniela Moreau
- 21 NOVA DÉLHI EM RITMO DE AVENTURA, José Luiz Martinez
- 26 PAINEL INFORMATIVO
- 28 A CASA, Paulo Bomfim
- 34 ANTIGOS NOVOS GNÓSTICOS, Nestor Reinoldo Müller
- 44 EPIFANIAS, Diálogo Zen

THOT 63, 1996 – EDITORIAL: Cenários em mutação

Nos últimos anos, o mundo inteiro vem sendo confrontado com o surgimento de profundas transformações no conceito de solidariedade social. Enquanto se consolida a chamada globalização ou mundialização da economia, o desemprego aumenta, os benefícios proporcionados pelo Estado ao bem-estar social se reduzem e cresce a incerteza coletiva.

O ideário dito neoliberal, atualmente em expansão no mundo inteiro, propõe a competitividade, o individualismo e o chamado Estado mínimo, isto é, a retirada progressiva da gestão estatal da maioria das atividades do cotidiano dos países. Nosso propósito não é discutir o tema do ponto de vista político-econômico, evidentemente; no entanto, é óbvio que as dimensões básicas da condição humana continuarão não só existindo como sendo o fundamento de todas as ações dos homens, seja estatizante ou privatizante a cena social. É, portanto, o caso de perguntar de que modo a sociedade lidará com a questão dos excluídos, e como serão articuladas as ações de solidariedade social no novo cenário.

Existem evidências de que as relações do ser humano com circunstâncias como a doença e a morte são basicamente as mesmas, em qualquer contexto político-econômico ou época histórica. Os progressos da ciência e da tecnologia em pouco ou nada modificaram essas determinantes. É o que se pode ver no artigo do Prof. Thomas Raffin e colaboradores, da Universidade de Stanford, Califórnia, que faz parte desta edição.

Numa sociedade cronicamente carente como a brasileira, o problema dos excluídos da saúde tem sua intensidade redobrada, dado que o desemprego e a exclusão social aumentam devastadoramente a vulnerabilidade das pessoas. Esse é o tema de nossa entrevista com o Dr. Henrique Grunspun. Para ele, sejam quais forem os níveis de comprometimento e empenho governamentais, a sociedade deve se organizar autonomamente e participar do encaminhamento e da solução de seus problemas. Sua proposta prevê uma participação solidária de médicos e pacientes nessas providências, a exemplo do que já vem ocorrendo em outros países, com resultados animadores.

Humberto Mariotti

3 ENTREVISTA COM HENRIQUE GRUNSPUN

11 MITOS, SONHOS E FILMES, Keith Cunningham

21 SINERGIA, CRIATIVIDADE COMPLEXIDADE, Humberto Mariotti

29 AS ORIGENS TRAUMÁTICAS DA VIOLÊNCIA, Roberto Ziemer

38 A TERRA COMO PÁTRIA, Edgar Morin

42 ASSISTÊNCIA ÀS PESSOAS TERMINAIS, Thomas A. Raffin, L. Tad Cowley
e Erle Young

56 FRACTAL ARTE: UM NOVO PADRÃO ESTÉTICO, Dalva de Abrantes

63 EPIFANIAS, Ignacio da Silva Telles

THOT 64, 1997 – EDITORIAL: A mente, o cérebro e a filosofia em evidência

No começo dos anos 90, as revistas internacionais especializadas em ciência informavam que esta seria a década do cérebro. Na verdade, publicações anteriores já vinham prenunciando o crescente interesse pelo tema, em escala mundial. Em praticamente todas elas é nítida a proposta de integração cérebro-mente. A tricentenária separação cartesiana entre corpo e alma começa, enfim, a ser questionada em termos práticos.

O que nos leva a outro desdobramento. O aparecimento cada vez mais frequente desses textos mostra que a integração razão-emoção deixa, aos poucos, de ser um tema exclusivamente filosófico e surge como proposição aplicável ao dia-a-dia das pessoas. Mais importante ainda não é só a publicação desses trabalhos, mas também o interesse que eles vêm despertando nos leitores. Essa é naturalmente uma boa notícia, que se faz acompanhar de outra, igualmente auspiciosa: nos textos que têm sido publicados sobre o tema, fica ainda evidente que as preocupações de ordem prática não implicam uma diminuição do interesse pelas bases filosóficas.

Este é, talvez, o dado isolado mais significativo de toda a questão. Se, em nome das abordagens práticas, a filosofia estivesse ameaçada de ser posta de lado, toda essa orientação integradora seria presa fácil dos modismos que costumam acompanhar as grandes mudanças de pensamento, ao longo da história.

Nem sempre este ponto é destacado, mas o papel da reflexão filosófica como garantia de que os modismos e maneirismos continuarão sob exame crítico, ininterrupto e aberto a todos, é fundamental. Não é por acaso que a observação do conteúdo do que se publica atualmente no mundo inteiro revela a manutenção do interesse – do interesse popular, inclusive – pela filosofia. Basta lembrar que a vendagem, no mundo todo, de livros cuja proposta é pôr o pensamento filosófico ao alcance de todos se expressa em milhões de exemplares.

THOT procura estar em sintonia com essas evidências, e o faz ao longo de todo o seu conteúdo. Pode-se apontar trabalhos como o do professor Wilson Sanvito, em que a neurologia, a filosofia, a história e outras

disciplinas se entrelaçam, proporcionando claros exemplos da visão integradora que progressivamente se firma nos dias atuais.

Humberto Mariotti

3 ENTREVISTA COM MARCOS REY

12 O MASCATE, Abraham Szajman

14 O COMPLEXO CÉREBRO-MENTE, Wilson Sanvito

23 A EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA ÁFRICA, Amadou Hampaté-Bâ

27 OS CASTELOS MEDIEVAIS DO SÉCULO XXI, Luis Norberto Pascoal

32 OS ESTUDOS SOBRE A CONSCIÊNCIA NA ERA PÓS-MODERNA, Stanley Krippner,

41 GLOBALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO: OS DILEMAS DA ECONOMIA, Ubiratan D'Ambrosio

46 ENCONTRO COM MADRE TERESA DE CALCUTÁ, Collaço Vêras,

50 NORMOSE: A PATOLOGIA DA NORMALIDADE, Pierre Weil

56 NO FINAL DE UMA ERA, Joseph Campbell

61 PAINEL

62 EPIFANIAS, Paulo Bomfim

THOT 65, 1997 – EDITORIAL: Observações

Observe o barulho, a fumaça e as garrafas nos botecos, discotecas e lares. O que incomoda é a falsa alegria.

Observe a falência de Alagoas provocada por governantes (sic!) e usineiros do álcool. O que incomoda é a visão da riqueza vampiresca.

Observe Brasília transformada no maior parque de diversões do mundo, onde os mendigos são apenas uma das 3 peças de um jogo que se joga também com álcool e fogo. O que incomoda são as justificativas.

Será que o maior problema do Brasil é o álcool?

Observe agora os campos vazios de "cultura" e os pés descalços impedidos de cultivá-los. O que incomoda são os pequenos interesses.

Observe as gentes que não agem porque já não se dão conta dos valores plantados em suas almas. Essa desatenção é a gênese de todos os outros incômodos.

Fique atento: o hábito de praticar o que Sócrates chamou de "o cuidado da alma" é a única força capaz de impedir os gestos de vulgaridade, ou seja, os gestos cuja consequência são os atos de barbárie.

Continue atento e você se lembrará que o maior problema do Brasil é a educação. O que incomoda é a velocidade do esquecimento.

George Barcat

3 ENTREVISTA COM UBIRATAN D'AMBROSIO

9 RESIDÊNCIA NA TERRA, Keith Cunningham

20 MITO: METÁFORA E MAGIA, Patrice Guillaume

29 MARKETING DE PAZ, Ailton Bomfim Brandão

35 PARA ALÉM DAS DUAS CULTURAS: A VIA TRANSDISCIPLINAR, Michel Camus

42 TRANSFORMANDO ORGANIZAÇÕES EM ORGANISMOS VIVOS, Elizabeth Sahtouris

53 TAOÍSMO – A FILOSOFIA CLÁSSICA DA CHINA, Cláudio Daniel

60 PAINEL

63 EPIFANIAS, Geraldo Pinto Rodrigues

THOT 66, 1997 – EDITORIAL: A necessidade e urgência do novo

Estamos vivendo um momento de redefinição das instituições sociais. Neste período de transição de milênio, exige-se uma redefinição nos modos de pensar o conhecimento, a produção, o trabalho e o relacionamento com os outros e com a natureza. Isso, por sua vez, depende de um novo relacionamento social e, sobretudo, de um enfoque diferente na condução das necessidades maiores do indivíduo e da sociedade. A mesmice, o discurso arrogante e as atitudes prepotentes se mostram inadequados para enfrentarmos a complexidade do mundo atual.

Estilos de comunicação renovados, assim como a crescente possibilidade de acesso à informação, exigem transparência e compostura no pensar e agir. São necessárias outras maneiras de perceber o que significa estar são, física e mentalmente, e também novas formas de integração social, para que possamos assumir, coletivamente, um conjunto de valores e os direitos e deveres a eles associados.

Uma ética de respeito, solidariedade e cooperação deve amparar a busca de conhecimento e comportamento, orientando a procura dos novos saberes e fazeres, que nos permitirão lidar com a complexidade do mundo atual. A assunção coletiva dessa ética poderá nos conduzir ao novo tão necessário.

Ubiratan D'Ambrosio

2 GALERIA

3 ENTREVISTA COM EDGAR MORIN

11 PSICO-EDUCAÇÃO: A CIÊNCIA EDUCATIVA E TERAPÊUTICA DO "VIVER-CEM", André Lebon

24 ERA UMA VEZ..., Robert Walter

29 FÍSICA E PSICOLOGIA NO SÉCULO XX: UMA NOVA VISÃO, Veronica Rapp de Eston

41 O ENSAIO COMO FORMA FILOSÓFICA, Olgária Matos

51 MARIA CALLAS, VINTE ANOS DEPOIS, Claudio Willer

55 PAINEL, Suzete Carvalho

59 RESENHA, Humberto Mariotti

60 POESIA, Mirian Paglia Costa

63 EPIFANIAS, Basilio Pawlowicz

THOT 67 – EDITORIAL

Quero dividir com você uma queixa que escutei outro dia: as pessoas falam/teorizam demais e fazem/praticam de menos.

Os que se queixam disso têm razão em defender uma intervenção mais direta no estado das coisas, pois são muitas as causas de nosso desânimo.

Por exemplo, é certo que não gostamos de saber que "*o Brasil não é um país pobre mas um país injusto*": que escraviza crianças ... que tem gente descansando em hospitais de 1ª linha e gente morrendo no chão de outros ... que tem finitos professores felizes e infinitos meninos que sonham apenas com a camisa 10...

Porém, aqueles que observam as coisas de outro mirante também têm razão em defender o valor do diálogo e da educação. Afinal, as questões sociais só podem ser resolvidas politicamente, entendendo-se por política a forma de pensar, educar e transformar a pólis num território justo e cooperativo.

E isso nós podemos fazer nas grandes coletividades (o executivo, o legislativo e o judiciário) e também – e cada vez mais – nas pequenas: a empresa onde trabalhamos, os asilos dos que já não trabalham, a escola de nossos filhos, as ONGs que cuidam das escolas dos que não têm pais, e, claro, as ruas por onde passamos para ir a esses e outros lugares.

E isso, como demonstrou Gandhi, nós devemos fazer de um modo dialógico e pacífico; esta é uma ideia nova e creio que precisamos desenvolvê-la até às suas últimas consequências, antes de desistirmos e retomarmos aos métodos de intervenção violenta. Com ou sem razão, não temos outra escolha.

George Barcat

2 GALERIA

3 ENTREVISTA COM LETÍCIA OLGUÍN

9 GLOBALIZAÇÃO E ECONOMIA: AÇÃO INDIVIDUAL, Donaldison Marques da Silva

12 COMPLEXIDADE E LIBERDADE, Edgar Morin

- 20 CULTURA E IMAGINÁRIO EM ARIANO SUASSUNA, Maria Aparecida
Lopes Nogueira
- 25 A LITERATURA COMO FORMA FILOSÓFICA, Humberto Mariotti
- 34 A ÉTICA DO GASTAR, Marcos Fávero Florence de Barros
- 38 TEORIA DAS CATÁSTROFES: UM ESTUDO EM SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA,
Ubiratan D'Ambrosio
- 49 A CIDADE DE DEUS, Renato Pompeu
- 54 IMAGINAÇÕES SOCRÁTICAS, George Barcat
- 60 PAINEL
- 61 POESIA, José Nêumanne Pinto
- 64 EPIFANIAS, Ignacio da Silva Telles

THOT 68, 1998 – EDITORIAL

Estamos numa época em que se fala muito em desenvolvimento sustentado, direitos humanos e respeito à diversidade, entre outras coisas. Na verdade, fala-se muito mais do que se faz, como de costume, e como mostram os artigos de Laura Roizman e Suzete Carvalho, que fazem parte desta edição. É o que ocorre entre nós, com o atual debate em torno da lei dos transplantes que, por uma de suas características, traz de volta um outro tema, este recorrente e profundamente enraizado em nossa sociedade: a questão do autoritarismo.

A observação do mundo natural mostra que a diversidade (a biodiversidade) é a regra. Nas sociedades democráticas, ao menos idealmente, a diversidade de opinião também deveria ser. Para nós, entretanto, é o contrário: todas as facilidades são postas a serviço da uniformização, enquanto se dificulta ao máximo o direito à variabilidade de posições.

Falo da lei da doação *post-mortem* de órgãos para transplante, que nos obriga a esse ato civil, a menos que declaremos o contrário. Ao que se informa, isso seria feito tirando-se uma segunda via da carteira de identidade, onde constaria um carimbo de não-doador. À primeira vista tudo parece muito fácil e democrático, exceto para quem já tentou tirar uma segunda via desse documento – empresa que beira o surreal, em termos de vida, e atinge a iniquidade em termos de respeito à cidadania.

Para uniformizar as pessoas (todos são doadores, até manifestação em contrário), foi tudo muito fácil. Para que se exerça o direito à diversidade de opinião, porém, interpõem-se obstáculos burocráticos. Eis o velho autoritarismo, mais uma vez em ação. De onde ele vem, todos sabemos: da Contrarreforma da Europa do século XVI, que entre outras coisas nos legou, via colonização, o autoritarismo absolutista, o desrespeito à manifestação individual, o cartorialismo, o anticientificismo, o medievalismo imposto de cima para baixo, os obstáculos colocados no caminho de quem tenta assumir seus próprios destinos e assim por diante.

É muito? É cultural, dirão alguns. É assim mesmo, dirão outros. É demais, dirão ainda outros. E no entanto, ao que parece, há quem ache que ainda não é o suficiente.

2 GALERIA

3 ENTREVISTA COM HENRIQUE DEL NERO

10 O APELO DA GARÇA, Keith Cunningham

22 CONSCIÊNCIA LINEAR E RELAÇÕES HUMANAS, Suzete Carvalho

27 O DUPLO VÍNCULO: UM LAÇO ÍNTIMO ENTRE COMPORTAMENTO E
COMUNICAÇÃO, Patrice Guillaume

36 OS PERIGOS DO FEMININO TRAÍDO. UMA APROXIMAÇÃO PSICOLÓGICA
AO MITO DE MEDEIA E JASÃO, Cristina Rodrigues Franciscato

45 TERAPIAS ECOLÓGICAS, Laura Roizman

54 A CENSURA AOS POETAS NA REPÚBLICA DE PLATÃO; ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE A TÉCNICA, Rachel Gazolla

61 PAINEL LITERATURA

62 SINAIS DE POESIA, Fábio Lucas

65 FLASHES: ATURDIMENTO – A FICÇÃO DE EVANDRO AFFONSO
FERREIRA, Guilherme Resstom

68 EPIFANIAS, George Barcat

THOT 69, 1998 – EDITORIAL

Com sua lucidez e experiência, a educadora afro-americana Jacqueline Jordan Irvine impactou seus ouvintes na conferência sobre multiculturalismo em educação, que ministrou recentemente em São Paulo.*

O eco de seus apelos e mensagens ainda ressoam fortemente, desdobrando estas reflexões:

Em vista de presenciarmos hoje a extrema importância da coexistência das mais diversas tradições culturais, precisamos levar em conta que:

- Os professores podem fazer uma tremenda diferença na vida das crianças.
Elas necessitam de sua ajuda para aprender a serem multiculturais – capazes de assimilar outras tradições, sem rejeitar ou negar sua cultura original.
Os professores devem ter um bom treinamento, pois também são o elo entre a cultura da escola e a dos lares dos alunos.
- Noções como tempo, espaço, inteligência, respeito e consideração – citando apenas algumas como exemplo – dependem do contexto que as originam.
Desconhecer esse fato leva a julgar erroneamente os pontos de vista de culturas diferentes da nossa, e a considerar seus padrões "disfuncionais".
- Faz parte da natureza humana comportar-se geralmente da forma pela qual se é tratado. A experiência demonstra que tratar crianças como incapazes de aprender resulta na sua incapacidade, e tratá-las como capazes de aprender resulta na sua capacidade.

Então,

- continuemos a desprezar o contexto e a dissociar a teoria da prática,
- continuemos a desprezar a capacidade de aprender dos menos favorecidos,
- continuemos a desprezar o investimento de nossos melhores recursos humanos na boa educação de todos,

e veremos nossa sociedade passar do despojamento total de sonhos a um terrível pesadelo.

Lucia Benfatti

* A professora Jacqueline Jordan Irvine, da Emory University, Atlanta, Georgia, EUA, veio ao Brasil a convite do Consulado Americano para participar de um programa de intercâmbio entre profissionais e pesquisadores de áreas de interesse comum entre os Estados Unidos e o Brasil. A sua conferência em São Paulo foi realizada na Pontifícia Universidade Católica.

2 GALERIA

3 ENTREVISTA COM OLGÁRIA MATOS

9 O QUE É PSICOLOGIA TRANSPESSOAL?, Veronica Rapp de Eston

14 SOBRE A VARIEDADE MUSICAL NA ÍNDIA, José Luiz Martinez

20 CIBERTERRA E NOOSFERA, Philippe Quéau

34 O PENSAMENTO DE GANDHI COMO ALTERNATIVA AO CONSUMISMO, Sulak Sivaraksa

42 DAQUILO QUE ALGUÉM TEM, Arthur Schopenhauer

46 DESENHANDO SAÚDE E DESENVOLVENDO ORGANIZAÇÕES, Morgana Masetti

57 PAINEL – A HISTÓRIA DE *FLUPPY*: UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO ABSENTEÍSMO ESCOLAR, André Lebon e France Capuano

60 LITERATURA: QUADROS NO ATELIÊ, Bernardo Ajzenberg

64 EPIFANIAS, George Barcat

THOT 70, 1999 – EDITORIAL

Publicada pela Associação Palas Athena desde 1975, THOT chega à sua 70ª edição. Tamanha longevidade de um periódico dedicado à cultura só tem uma causa: acreditamos na importância de fazer o pensamento circular.

Teceu-se uma rede de múltiplas aproximações disciplinares, que aspira renovar os modos de nossa espécie habitar o planeta e tomar consciência de si mesma e da interdependência que existe entre todos os seres, assuntos e coisas. Novos tempos exigem novos modos de compreensão e ação. Sem eles, arriscamo-nos a perder o rumo sem ao menos suspeitar dos motivos de nossa desorientação. Estamos, portanto, diante de uma decisão crucial: como organizar a convergência de todos esses conhecimentos? E, mais importante do que isso, como aproximar esses conhecimentos das reais necessidades da vida? Dizendo de outro modo: como transformar a superabundância de conhecimentos em sabedoria, em prática e estilo de vida?

Entendemos que o caminho passa, necessariamente, pelo incentivo de uma forma de entendimento do mundo ancorada no diálogo, amplo e sem fronteiras, entre todas as formas de racionalidade, arte e desenvolvimento espiritual. Este é o valor que temos dado ao conceito de transdisciplinaridade. Em suma, para nós, a transdisciplinaridade é muito mais uma ética do que uma epistemologia ou coisa semelhante.

Depois de 23 anos rodando pelo país, a grande motivação da THOT continua a ser despertar em seus leitores o gosto pelo cultivo do pensamento, da sensibilidade e do exercício dos direitos e deveres da cidadania, bem como o gosto pela “biodiversidade” das ideias e das práticas sociais.

Vocês sempre serão bem-vindos à nossa boleia. Obrigado a todos os que viajam e viajaram conosco.

George Barcat

1 EDITORIAL

2 ENTREVISTA COM ELISABET SAHTOURIS

22 INTEGRAÇÃO E TOLERÂNCIA: O DESAFIO DO SÉCULO 21, Maria Alice Figueiredo

35 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS, Marcos de Almeida

43 O QUE APRENDI COM O DALAI LAMA SOBRE O JUDAÍSMO, Rodger Kamenetz

51 PAINEL: FAVELA ESPELHO, Atílio Avancini

61 HUMBERTO MATURANA E A PSICOTERAPIA, Alfredo Rutz

70 SOBRE A BELEZA: ENÉADA 1, TRATADO 6, Plotino

78 CONSCIÊNCIA E DIVERSIDADE CULTURAL, Mario Kamenetzky

92 DECLARAÇÃO DO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO PARA UMA ÉTICA GLOBAL, Hans Küng

108 MAHATMA GANDHI E A POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO, Suzete Carvalho

108 EPIFANIA: UMA TARDE NO LAGO OCULTO, George Barcat

THOT 71, 1999 – EDITORIAL

As lições aprendidas ao longo da história desta publicação consolidam-se à medida que o tempo passa. Uma delas, talvez a principal, é a importância da diversidade de temas e, dentro de um mesmo tema, a variedade de abordagens.

Antes mesmo desse reconhecimento tornar-se óbvio, ele já vinha sendo posto em prática em nossas páginas, talvez por intuição. Hoje, porém, acumulam-se as evidências de que, não só no mundo da natureza como no da cultura, a diversidade é o caminho de menor resistência, a trilha natural a seguir. Como faz um curso d'água, por exemplo, ao abrir a sua trajetória por entre os acidentes e as irregularidades do terreno. E como ensinam os versos do poeta espanhol Antonio Machado: "Caminante, no hay camino / se hace camino al andar".

Fica claro, então, que nem o fluir das águas de um rio nem a geografia de suas margens determinam sozinhos o seu curso: ele se faz de um modo espontâneo e sábio, que mostra como as coisas se determinam e se constroem umas às outras. Por serem assim, a cada momento elas nos surpreendem, revelando-nos que aquilo que pensávamos ser repetição sempre foi diferença, e o que julgávamos ser monotonia nunca deixou de ser criatividade.

Aprender a construir sem desrespeitar a diversidade, portanto. Uma olhadela em nosso índice mostra os resultados de algumas de nossas tentativas nesse sentido: da recente visita do Dalai Lama ao Brasil à poesia de Parmênides, passando pela Gestalt-terapia e pela meditação cristã, continuamos buscando o nosso caminho e ajudando a construir as nossas margens.

Humberto Mariotti

1 Editorial

2 PAINEL: A SEGUNDA VISITA DE SUA SANTIDADE O DALAI LAMA AO BRASIL, Arnaldo Bassoli

12 CRIANÇAS: DE SOUTH PARK A CENTRAL DO BRASIL, Roseli Fischmann

16 A ORAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA, Dom Basil Pennington

31 O RETORNO DO MITO. GUERRA NAS ESTRELAS, EPISÓDIO UM: A AMEAÇA FANTASMAGÓRICA, Jonathan Young

40 OS NORMANDOS NA SICÍLIA, Gabrio Bevilacqua

58 O AUTOMATISMO CONCORDO-DISCORDO E AS ARMADILHAS DO REDUCTIONISMO, Humberto Mariotti

70 POEMA, Parmênides

76 GESTALT-TERAPIA E PÓS-MODERNIDADE, Ana Cristina Sundfeld

83 AS BABUCHAS DE ABU KASEM, Heinrich Zimmer

EPIFANIA: SUITE EM FÁ MAIOR, George Barcat

THOT 72, 1999 – EDITORIAL

Aqui você encontrará artigos nascidos nos três solos de onde a palavra retira sua força. A imaginação, a ação e o silêncio.

Nossa esperança – pois é dela que vivem os editores – é que esses textos motivem o leitor a cruzar por contra própria aquela ponte tão antiga quanto perigosa, que liga as ideias à vida, seja para fazer algo para alguém, seja para simplesmente admirar um crepúsculo ao lado de si mesmo.

É preciso que assim aconteça. É necessário que os projetos e o cotidiano se entendam para que possamos aquecer a beleza gelada desse poema de William Butler Yeats, chamado *A Segunda Vinda*:

*A rodar e a rodar no giro que se alarga,
O falcão já não pode ouvir o falcão.
Desagrega-se tudo; o centro não segura;
Está solta no mundo a simples anarquia;
Está solta a maré escura do sangue, e em toda parte
A cerimônia da inocência se afogou;
Falta aos melhores convicção, enquanto os piores
Estão cheios de ardor apaixonado.*

É necessário que o pessimismo intransigente ceda espaço.

George Barcat

1 Editorial

2 A NOÇÃO DO SAGRADO EM GREGORY BATESON, Vincent Kenny

32 CIVILIZAÇÕES AMERICANAS: CINCO SÉCULOS DE DESCONHECIMENTO,
Eduardo Natalino dos Santos

50 HÖLDERLIN: A PROXIMIDADE E A DISTÂNCIA DO SAGRADO, Dora
Ferreira da Silva

60 INTRODUÇÃO À MEDITAÇÃO CRISTÃ, Lawrence Freeman

60 SUBMISSÃO, Suzete Carvalho

76 DE FREUD A BION PELOS CAMINHOS DE LAO-TZU, Ignácio Gerber

99 PAINEL – VALORES QUE NÃO TÊM PREÇO

109 TEMPO DE SONHO, TEMPO DE VIDA, Beto Hoisel

EPIFANIA: ESTRANHA BELEZA DO MAR, George Barcat

THOT 73, 2000 – EDITORIAL

No decurso de relativamente pouco tempo, Thot publicou três artigos sobre meditação cristã. O primeiro, de Basil Pennington, surgiu no número 71; o segundo, de Laurence Freeman, no 72; o terceiro, também de Laurence Freeman, aparece agora. Os três textos são edições de palestra dadas pelos autores. Em nosso próximo número, planejamos publicar mais uma matéria, cujo título será *Meditação cristã: perguntas e respostas*, e englobará as questões e o modo como elas foram respondidas nas três palestras.

O leitor perguntará sobre o porquê dessa repetição. Responderemos citando um artigo recente, no qual o professor Wilson Sanvito fala do desencantamento do mundo que caracterizou a era industrial, com seu apelo à quantificação e à racionalização. Refere-se também ao que chama de reencantamento do mundo, fenômeno que, como muitos outros autores, ele identifica em determinados movimentos dos tempos atuais: a retomada da intuição, de uma percepção mais ampla das coisas, do destaque dado à ética - ou seja, a preocupação com o outro.

O tema meditação cristã é apenas uma das múltiplas manifestações dessa tendência. Trata-se de, como dizia Teilhard de Chardin, entre outros, desenvolver uma visão mais abrangente. Eis por que insistimos nele.

E pelo mesmo motivo acrescentamos: é importante que nada disso nos faça entrar no caminho do deslumbramento, da sensação de que todos os nossos problemas agora serão resolvidos – enfim, tomar a trilha da alienação. É fundamental ter em mente que não se trata de meramente descartar a consciência prática, quantificadora, e substituí-la pela intuição. O que é necessário é reunir, complementar, promover a junção do conhecimento com a sabedoria – e daí partir para a busca do conhecimento sábio.

Humberto Mariotti

1 EDITORIAL

2 PARA NÃO DIZEREM QUE EU SÓ FALEI DE FLORES, Sérgio Esteves

12 MILÊNIO, PROFETAS E MÍSTICOS, J. C. Ismael

17 COMPLEXIDADE E ÉTICA COMO ESTÉTICA DE VIDA, Maria da Conceição de Almeida

26 A BIOLOGIA, A TÉCNICA E O SABER, Eduardo Duarte

38 A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO CRISTÃ, Laurence Freeman

48 A ESTRATÉGIA DO ABRAÇO, Humberto Mariotti

THOT 74, 2000 – EDITORIAL

“Queridos Irmãos e Irmãs,

Reúno-me em espírito com os mais de 100 religiosos e líderes espirituais de todo o mundo, que se encontrarão nas Nações Unidas para participar da reunião da ‘Conferência Mundial de Paz do Milênio’ a fim de discutir formas de mobilizar o poder da religião para criar um mundo mais pacífico.

[...] é uma ideia excelente utilizar a sabedoria milenar para tornar o nosso futuro mais pacífico, e discutir formas de assegurar que, ao invés de criar divisões, o poder da religião nos transforma numa família de apaziguadores.

Vejo as diversas tradições religiosas como caminhos para o desenvolvimento da paz interior, que é o verdadeiro fundamento da paz mundial. Essas antigas tradições nos chegam como um presente de nosso passado comum. Será que continuaremos a honrá-las como uma dádiva e transmiti-las às gerações futuras como um legado de nosso desejo comum de paz, ou será que as transformaremos em uma nova arma que roubará o futuro das gerações vindouras?

[...] As religiões do mundo podem contribuir para a paz mundial se houver paz e crescente harmonia entre os diferentes credos. Seria triste, e trágico, se o conflito e rivalidade entre as religiões minassem a paz mundial no século 21.

[...] Os líderes religiosos e espirituais dos diferentes credos podem desempenhar um papel decisivo fazendo um esforço sustentado para promover nos seus respectivos seguidores a importância de se respeitar as crenças e tradições de outras religiões. Precisamos abraçar, também no campo das religiões, o espírito do pluralismo.

Com minhas orações e melhores votos”

Dalai lama

Em agosto passado ***, na sede das Nações Unidas em Nova York, realizou-se a *Conferência Mundial de Paz do Milênio* – uma reunião de cúpula das religiões. Esse encontro teve por objetivo congregar os

religiosos mais representativos de todas as tradições espirituais em torno de reflexões e preces de Paz e, desse modo, plantar uma semente inspiradora para o próximo milênio.

Entretanto, a mensagem do Dalai Lama – que reproduzimos em parte acima – não foi proferida por ele próprio. O Prêmio Nobel da Paz, defensor incondicional do diálogo como via de entendimento e resolução de conflitos, simplesmente não foi convidado. A República Popular da China vetou sua participação no evento.

Quando esse fato tornou-se público, uma avalanche de quinze mil mensagens de religiosos do mundo inteiro chegou ao escritório dos organizadores. Indignação, perplexidade e repúdio irmanaram nacionalidades, etnias e tradições que denunciaram unanimemente a interferência.

O objetivo da Conferência tinha sido alcançado. Antes mesmo do início do encontro. E a advertência foi clara: não há Paz sem justiça, não há Paz no silêncio nascido da opressão, não há Paz sem disposição ao diálogo, ao respeito e à reconciliação.

Os Editores

1 EDITORIAL

2 A CURA PELO CAMINHO DA SABEDORIA, Sulak Sivaraksa

17 PERCEPCAO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA, Fayga Ostrower

22 MEDITAÇÃO CRISTÃ E ORAÇÃO CENTRANTE – PERGUNTAS E RESPOSTAS, Dom Basil Pennington e Dom Laurence Freeman

35 A EXPERIENCIA NA NATUREZA SEGUNDO JOSEPH CORNELL, Rita Mendonça

51 A BUSCA DA IDENTIDADE, Vladimir Dimitrov e Robert Ebsary

61 PANDIT CHAURASIA: O MESTRE DA FLAUTA, José Luiz Martinez

71 DHAMMAPADA – A SENDA DA VIRTUDE

80 PAINEL – UM JOVEM DÁ O SEU RECADO..., Ricardo J. Hrivnak

THOT 75, 2001 – EDITORIAL

Mui queridos todos

Tive a alegria de participar, desde outubro passado, das reuniões preparatórias do projeto **A Paz Pede Parceiros**, e posso assegurar-lhes que, se não viesse a acontecer nos dias 10 e 11 de março de 2001, ainda assim ele já teria cumprido boa parte de seus objetivos, que são: **partilha, simplicidade e cooperação**.

A construção do programa foi um sucesso de criação conjunta, nascida do exercício democrático de respeito pelos talentos e aptidões naturais. Cada proposta de atividade apresentada por um membro da equipe não apenas somava, como também potencializava, em relevância e consistência, as atividades dos outros.

O espírito de cooperação teve momentos de singular beleza. Tão logo alguém informava sobre a necessidade de algum material para concretizar sua apresentação, já havia voluntários dispostos a conseguir ou oferecer o que faltava. E quando estes últimos comunicavam suas necessidades, aqueles primeiros prontificavam-se a resolver a situação. Um verdadeiro festival de trocas. Casamentos perfeitos entre carência e abundância, que se revezavam continuamente.

Entusiasmo, escuta e cooperação foram presenças constantes nas reuniões, proporcionando a todos nós a oportunidade da prática e da alegria do Serviço, ou, nas palavras eloquentes de Gandhi: “é no esforço e não no êxito que podemos ter satisfação; o pleno esforço é a verdadeira vitória”.

Na calidez do abraço,

Lia Diskin

2 DESAFIOS ÉTICOS DO SÉCULO 21, Luis M. Dolan

13 A CONTRIBUIÇÃO DA SIMPLICIDADE VOLUNTÁRIA PARA UMA NOVA CULTURA PLANETÁRIA, Pierre Pradervand

18 A ARTE DE PENSAR, Suzete Carvalho

- 26 VIOLÊNCIA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE, Arnaldo Bassoli Jr.
- 41 PAINEL: A PAZ PEDE PARCEIROS
- 51 CARÍSSIMO AMIGO, George Barcat
- 52 A BELEZA DA PRIMAVERA, Thich Nhat Hanh
- 58 FÍSICA E PSICOLOGIA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM, Maria Aparecida Nogueira
- 67 CINEMA, TV, VIOLÊNCIA, Cid Marcus Vasques
- 73 UNIVERSIDADES, TRANSDISCIPLINARIDADE E EXPERIÊNCIA HUMANA, Ubiratan D'Ambrosio
- 86 OS FRUTOS AMARGOS DA DEMOCRACIA, J. C Ismael

THOT 76, 2001 – EDITORIAL Tudo Mudou: e o Nosso Modo de Pensar?

O mundo mudou: não será o mesmo, depois do ataque terrorista a Nova York em 11 de setembro último. O que fazer, diante disso tudo? O que pensar, antes de fazer? E, principalmente, como pensar?

Eis o desafio. Como disse uma vez Albert Einstein, tudo mudou, mas o nosso modo básico de pensar continua o mesmo. E que modo é esse? É conhecidíssimo. De tão notório tornou-se óbvio, proverbial – acabou sendo aceito como inerente à condição humana, como algo natural, visceral, inevitável. Trata-se do modelo mental da separação, da exclusão, pelo qual estamos profundamente condicionados – o padrão Ou/Ou: *ou* isso *ou* aquilo; *ou* amigo *ou* inimigo; *ou* bem *ou* mal; *ou* eu *ou* o outro; *ou* você está comigo *ou* está contra mim. As demais possibilidades – a reflexão, o diálogo, a negociação, a criatividade, a descoberta de outros modos de convivência – ficam desde logo excluídas.

Claro está que esse formato não é o único. Em nosso dia-a-dia, porém, em geral comportamo-nos como se o fosse. Também está muito longe de ser novo – e talvez por isso mesmo prossiga sendo tão pouco contestado, tão pouco examinado. Quem sabe, pela mesma razão continue ao mesmo tempo tão conhecido e tão desconhecido. Esse padrão de pensamento faz com que nos sintamos separados do mundo e, portanto, em muitos casos incapazes de compreendê-lo. Sua bipolaridade é um convite a radicalismos, maniqueísmos, dogmatismos. Ele cria, entre muitas outras coisas, uma alteridade excludente: *ou* eu *ou* ele; *ou* nós *ou* eles. Dessa maneira, o outro, que deveria ser visto como um companheiro de convivência (um *alter*), é quase sempre considerado um estranho, um *alienus*.

A questão tantas vezes formulada é a de sempre: saber se é possível dialogar a partir desse condicionamento, que tanto estreita e obscurece o nosso horizonte mental. Dialogar não apenas no sentido de defender posições criadas pelo raciocínio Ou/Ou, mas também no de suspender, ao menos temporariamente, nossas teorias, ideias prévias, certezas, e conversar de outras formas, aprender coisas novas, produzir algo diferente.

Essa possibilidade existe. O grande desafio é praticá-la numa situação como a atual, em que nossos condicionamentos nos levam a imaginar que

somos o bem e os outros o mal; que representamos a justiça e eles a injustiça; que somos os certos e eles os errados – dando-lhes com isso o direito de imaginar exatamente o mesmo em relação a nós.

Confinados às fronteiras do nosso eu, acostumamo-nos a ver o outro como um não-eu, isto é, a vê-lo negativamente. E pensamos: se ele é tudo o que não somos, por que deveríamos aceitá-lo? Como resultado, tornamo-nos incapazes de perceber o impasse em que essa situação nos coloca. Agarrados aos nossos maniqueísmos, fugimos da diferença, da diversidade, e aderimos à repetição, ao condicionamento. Diante de situações críticas, quase sempre nada criamos: repetimo-nos o tempo todo, e assim imaginamos que é possível resolver impasses pela criação de mais impasses. Ao fingir não saber que mais impasses geram mais impasses ainda, perpetuamos essa linearidade cega, que obstrui as interações humanas até os limites do absurdo.

Transição – Já se disse que a época atual (que alguns chamam de pós-modernidade ou modernidade tardia) se caracteriza pelo desejo de liberdade – o abandono das “certezas” do período anterior, a modernidade. Como alternativa, buscam-se agora modos de lidar com a incerteza e a aleatoriedade, que se manifestam, entre outras coisas, pelas rápidas e constantes mudanças em virtualmente todos os âmbitos, inclusive a economia e a política. Trata-se, claro, de uma contraposição aos ideais da modernidade, que se caracterizou pelo controle, objetividade, mensuração e previsibilidade. Para Freud, a estabilidade dessa fase resultou da repressão aos instintos, e daí se originou a sensação de opressão coletiva, que ele chamou de mal-estar da civilização, e que hoje muitos chamam de mal-estar da modernidade. Nos dias atuais, a liberação dessas mesmas energias instintuais resultou em uma sensação de ansiedade e insegurança, que o sociólogo Zygmunt Bauman chama de mal-estar da pós-modernidade.

Eis aqui mais uma das manifestações do modelo bipolar: *ou* modernidade, *ou* pós-modernidade, cada qual com seu conjunto de valores, práticas e consequências. O resultado é mais que óbvio: tanto o excesso de segurança quanto o excesso de incertezas produziram e produzem mal-estar. De onde se conclui que no fundo essa infelicidade não deriva de uma situação nem da outra: ela se origina das consequências de nosso

apego ao modelo Ou/Ou. Sua raiz é a manutenção da bipolaridade, não a troca em si.

Essa bipolaridade (que dificulta o diálogo, a complementaridade, a convivência) é que é a distorção fundamental. Em termos sociais, ela se manifesta na nossa dificuldade de reconhecer e aceitar o outro como *alter*, ou seja, vê-lo como diferente porém legítimo. A recíproca, claro, é verdadeira. Deduz-se daí que tanto o mal-estar da modernidade quanto o da pós-modernidade têm uma raiz comum – o mal-estar da alteridade.

Valores – Se tudo mudou, menos o nosso modo de pensar, não bastam boas intenções e exortações para lidar com esse mal-estar. Também são ineficazes as ameaças e a violência. É necessária uma ampla e profunda reforma do sistema de pensamento hoje predominante, o que não é, evidentemente, uma tarefa fácil.

Mas em todo o mundo, como se sabe, multiplicam-se atualmente os esforços nesse sentido. Ocorreu, por exemplo, em São Paulo, entre 17 e 19 de setembro de 2001, o Congresso Internacional *Valores Universais e o Futuro da Sociedade*. A Conferência resultou de uma iniciativa da ISA (Associação Internacional de Sociologia), da Associação Palas Athena, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Serviço Social do Comércio (SESC-SP) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Diante das graves ocorrências de Nova York e Washington, com repercussões para o mundo inteiro e mencionadas no primeiro parágrafo deste editorial, as entidades que organizaram o congresso decidiram elaborar e divulgar um manifesto, cujo texto está na página seguinte.

Os Editores

1 EDITORIAL

4 MANIFESTO DO CONGRESSO INTERNACIONAL – VALORES UNIVERSAIS E O FUTURO DA SOCIEDADE

6 DIÁLOGO: UM MÉTODO DE REFLEXÃO CONJUNTA E OBSERVAÇÃO COMPARTILHADA DA EXPERIÊNCIA, Humberto Mariotti

23 O GRUPO DE DIÁLOGO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA:
DEPOIMENTOS DE PARTICIPANTES

31 EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E PARA A CIDADANIA, Marcos Antônio
Lorieri

37 VIOLÊNCIA E CIDADANIA: UM DIÁLOGO IMPOSSÍVEL, Suzete Carvalho

43 UMA VISÃO AMPLIADA DA SAÚDE INDIVIDUAL, Georg Tuppy

46 UM NOVO APOCALIPSE, Inês Antonia Lohbauer

51 CULTIVANDO UM ESPAÇO INTERIOR, Maria Elvira Tuppy

54 DAS EXPERIÊNCIAS CULMINANTES RUMO À FELICIDADE, Andréa Aguiar

59 O ORGULHO, Cid Marcus

39 O LAMENTO DE HIPÁCIA, Beto Hoisel

72 A ÁRVORE DO CONHECIMENTO, Humberto R. Maturana e Francisco J.
Varela

THOT 77, 2002 – EDITORIAL: A Guerra Está em Nós

A ética é, entre outras acepções, uma área prática da filosofia social que aponta as normas a serem seguidas nas relações entre os diversos membros da sociedade.

Por outro lado, o título deste editorial corresponde ao de um dos livros do romancista brasileiro Marques Rebello, já falecido e hoje injustamente pouco lembrado. Trata-se de uma frase oportuna, pois, como mostra o estado atual das relações internacionais, a guerra está mais uma vez em exacerbação.

E não apenas isso. Quanto mais falamos de paz, mais a guerra se recrudescer. O que mostra que, como sempre, recaímos na velha armadilha: falamos da guerra como se ela fosse algo que só ocorre fora de nossas mentes e corações; como uma conflagração que só vemos pela televisão ou pelos jornais; como se ela estivesse apenas fora, no exterior, bem distante de nosso espaço cotidiano.

No entanto, temos consciência de que não é assim. Sabemos que em nosso íntimo, em nossos recessos menos acessíveis, há uma região sombria; um lado que não gostamos de ver e sentir e que por isso costumamos projetar nos outros. A guerra está em nós, sim; ela não acontece só em consequência dos conflitos dos outros, nem está tão longe como gostaríamos.

Por essa razão, não devemos falar sobre guerra e paz como se elas estivessem separadas; como se não andassem sempre juntas; como se uma não estivesse sempre latente na outra. Não podemos nos esquecer de que a guerra não deve apenas ser condenada; precisa ser também compreendida, para que possamos melhor evitá-la.

Se por ética entendemos, entre outras coisas, o conjunto das normas a serem observadas nas relações entre os membros de uma sociedade, é indispensável compreender que sua origem mais profunda está em nossas reflexões, em nossos autoquestionamentos – no diálogo interior. Assim, as ações éticas pressupõem a diminuição da resistência à mudança, que por sua vez inclui a tolerância. E aqui se aplica a máxima: para mudar o modo de agir, é preciso mudar o modo de falar; para mudar o modo de falar, é preciso mudar o modo de pensar; para mudar o modo de pensar, é preciso mudar o modo de sentir.

Eis que mostram, cada qual à sua maneira, os textos que compõem esta edição.

Os Editores

1 EDITORIAL

4 O OLHAR CURVO, Evandro de Castro Sanguinetto

10 QUAL ERA MESMO A “LEI DE GERSON”?, Ana Claudia Govatto

14 A ÉTICA DA VIDA, Edgard de Assis Carvalho

24 EDUCAR NA BIOLOGIA DO AMOR, Maria Cândida Moraes

31 OS VALORES E A PAZ, Shri Ravindra Varma

44 RESENTIMENTO, Suzete Carvalho

54 O ENVELHECIMENTO, Romando Guardini

63 ÉTICA DO ACOLHIMENTO

THOT 78, 2003 – EDITORIAL Não-violência: um tema indispensável

Debater a não-violência ultrapassou a área da simples necessidade e entrou no âmbito da indispensabilidade. Ao passar a fazer parte desse domínio, esse debate incluiu-se em um conjunto de vários outros, que se interpenetram e se alimentam mutuamente. Com efeito, a compreensão de cada um ajuda a entender os demais e assim a busca de soluções se torna mais ampla, rica e motivadora.

É importante ter sempre em mente que para lidar com a violência é preciso ir além de seus aspectos físicos. Há outras dimensões dela, sutis e até mesmo inaparentes, que precisam ser investigadas e compreendidas. Entre elas, a principal talvez seja a atual e disseminada tendência mundial à vulgaridade, à espetacularização dos mais diversos aspectos da vida social e à superficialidade. Tudo isso, por sua vez, decorre da recusa ao pensamento. Somos uma sociedade que não quer pensar. É como se o ato de pensar fosse algo estranho ao ser humano – algo incômodo e, sobretudo, não proporcionador de resultados materiais imediatos, em especial os mensuráveis por meio de critérios quantitativos.

Essa é, seguramente, a violência de base, a que perpetramos contra o que há de mais básico em nós mesmos, aquilo que nos tornou humanos e cuja escassez ameaça distanciar-nos cada vez mais dessa condição: a palavra e seu uso para pensar, ampliar e compartilhar o pensamento. Essa violência fundamental é tanto mais intensa quanto menos parece sê-lo, num mundo em que a não-percepção do óbvio se tornou quase que regra geral.

Por tudo isso, é confortador verificar que o convite feito pela **Thot** a seus leitores para que participassem de nosso esforço de reflexão conjunta continua sendo atendido, como se vê neste número, que assim reproduz e amplia a tendência dos anteriores.

Os Editores

1 EDITORIAL

2 FAZENDO AS PAZES COM A DIVERSIDADE, Vandana Shiva

14 ÉTICA, CIDADANIA E POLITIZAÇÃO: O MOVIMENTO “CARA PINTADA”,
Luiz Antonio Dias

20	A ERA DA AVAREZA, Humberto Mariotti
29	PLURALISMO ÉTICO, Cléa Regina Ribeiro
34	PRECONCEITO: UMA ARMA MORTÍFERA, Suzete Carvalho
42	A NOÇÃO DO OUTRO E O FUTURO POSSÍVEL, Isabel Rebelo Roque
47	EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA, Evandro Sanguinetta
56	RELATÓRIO SOCIAL: AÇÕES OU RESULTADOS?, Lélío Lauretti
63	EDUCAÇÃO PARA A PAZ, Ubiratan D'Ambrosio
75	EVITANDO A VIOLÊNCIA LOCAL, David Adams
88	O MANIFESTO DE SEVILHA SOBRE A VIOLÊNCIA

THOT 79, 2003 – EDITORIAL

Na história do conhecimento humano há luminares que deixam marcas indeléveis e formam verdadeiras escolas de vida e pensamento, vencendo o tempo e alcançando gerações que recriam essas ideias, atualizam sua vitalidade em face de novos desafios e abrem espaços de convívio em busca de dinâmicas existenciais mais salutares e inclusivas.

Gandhi é um desses dínamos que continua mobilizando consciências em prol de transformações na maneira de ser e estar no mundo. Ele oferece variáveis capazes de mudar a cultura reinante, que apresenta sinais claros de esgotamento e desagregação – as múltiplas modalidades de violência revelam a exaustão dos significados que outrora fundaram e fecundaram nossa civilização.

Em março passado, aceitando o convite oficial do Ministério das Relações Exteriores da Índia, tivemos ocasião de visitar dezenas de instituições gandhianas, cujas ações no campo político, educativo e social beneficiam, das mais variadas formas, milhares de indivíduos que resgatam sua dignidade, desenvolvem seus talentos e, inseridos na sociedade, contribuem para a melhoria de vida de seus semelhantes. Entre eles gostaríamos de citar o Movimento SEWA que, fundado por Elaben R. Bhatt em 1972, segue a orientação gandhiana de criar sustentabilidade e autoconfiança entre as mulheres das vilas e regiões rurais mais pobres. Hoje conta com um banco que promove a geração de emprego e autossuficiência mediante pequenos empréstimos a juros baixíssimos, um sindicato urbano e outro rural, além de centenas de cursos de capacitação para vendedores de rua, manufaturas, artesanato, reaproveitamento de sucatas, etc. Sugerimos consultar o site www.sewa.org.

Outro programa de inspiração gandhiana é a Fundação Akanksha, cuja missão é mudar as condições e oportunidades de vida das crianças menos favorecidas da sociedade, que vivem nas ruas e favelas das grandes cidades. Fundada em 1990 pela pedagoga Shaheen Mistri, dispõe hoje de 28 centros de acolhimento, onde as experiências por meio das artes e da inclusão digital proporcionam a milhares de crianças o sentimento de que serão capazes, quando adultos, de participar do mercado de trabalho. Esta Fundação gera seus recursos com a venda de produtos criados a partir das pinturas realizadas pelas próprias crianças, seus pais, os voluntários e profissionais envolvidos. Para conhecer mais, sugerimos consultar

www.akanksha.org.

Igualmente, um número crescente de universidades europeias, norte-americanas e canadenses estão abrindo cursos de graduação e pós-graduação em pesquisa sobre a paz, mediação de conflitos, negociação, diálogo e resolução pacífica de impasses sociais, religiosos ou culturais. Entre elas destacamos os programas da American University e da Transcend Peace University, com a realização de cursos em vários países.

Tudo indica que a via apontada por Gandhi - não-violência; compromisso ético; inclusão social por intermédio da autossuficiência; interreligiosidade e equidade entre os gêneros – vai conquistando novas adesões, revelando-se hoje como um antídoto para a indiferença e o descrédito e, também, para uma política de resultados que atropela culturas e tradições negando o poder da inteligência, da solidariedade e do perdão.

Lia Diskin

NOTA DOS EDITORES

Cuidado editorial. Esta tem sido a nossa proposta ao longo dos anos em que a THOT vem sendo editada. E essa preocupação reflete-se tanto nos atributos de conteúdo e de atualidade dos artigos que selecionamos, quanto no apuro gráfico-editorial que procuramos conquistar.

Sem dúvida a longevidade deste periódico – vinte e sete anos de circulação – e a resposta de nosso público leitor durante esse tempo, revela-nos que o grau de acerto de nossas proposições só pode nos remeter a uma responsabilidade crescente.

São essas considerações que nos mantêm atentos quando pautamos uma nova edição e que nos instigam sempre a pensar em novas formas de garantir e potencializar a qualidade do que publicamos.

É pensando nisso que, a partir deste número, a THOT apresenta uma nova estrutura formal na apresentação de seus artigos, que agora incluem um resumo para leitura imediata e são organizados por seções, denominadas: temática, livre e institucional. E, pelo mesmo motivo, ao final da seção temática acrescentamos alguns enunciados para reflexão, que poderão ser desenvolvidas em grupo ou individualmente

1 EDITORIAL

Seção Temática

4 Por que Gandhi hoje?, Suzete Carvalho

10 AS LIÇÕES DE GANDHI PARA O SÉCULO 21, Gene Sharp

20 A PERCEPÇÃO GANDHIANA DOS FUNDAMENTOS ÉTICOS DA SOCIEDADE, Ravindra Varma

29 MINHA PEREGRINAÇÃO À NÃO-VIOLÊNCIA, Martin Luther King Jr.

39 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS: TEORIA E PRÁTICA, Devavrat N. Pathak

46 CONFIANÇA: O QUE PRECISAMOS REAPRENDER, Humberto Mariotti

51 NÃO-VIOLÊNCIA ATIVA: UM MODO DE VIDA, Richard Deats

59 NÃO-VIOLÊNCIA E PODER EM GANDHI HOJE, Guilherme de Almeida

61 THOT SUGERE TEMAS DE REFLEXÃO

Seção Livre

63 JORNALISMO E RESPONSABILIDADE SOCIAL, Ana Claudia Marques Govatto

66 EDUCAR: ENSINAR A PENSAR, Cezira Bianchi

70 EM BUSCA DE UM RECEPTOR, Elizabeth Speers Marcovitch

75 SOBRE A TOLERÂNCIA E O INTOLERÁVEL, Cecília Lodi

Seção Institucional

81 CULTURA DE PAZ – UMA POLÍTICA INADIÁVEL

87 DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS SOBRE A TOLERÂNCIA

96 HOMENAGEM A SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

THOT 80, 2004 – EDITORIAL

Há muito planejamos lançar um número da Thot cujo tema básico fosse dedicado à África. No entanto, nossa pretensão era fazer isso de tal forma que os autores das matérias – africanos ou não – apresentassem seus textos “de dentro para fora”, de um ângulo que tanto quanto possível expressasse a diversidade cultural africana vista com seus próprios olhos, com base em seus valores, crenças e tradições. Eis por que, ao convidar autores vivos e escolher textos daqueles que já não estão entre nós, procuramos manter essa orientação, embora sem assumir uma rigidez que acabasse dificultando a pluralidade que pretendemos mostrar.

Assim, buscamos diversificar ao máximo as matérias da seção temática. Numa esclarecedora entrevista, **Ubiratan D’Ambrosio**, articulista habitual da Thot, fala sobre sua atuação como educador no Mali. Em outra entrevista, o falecido filósofo africano **Amadou Hampâté Bâ** – autor de um livro recentemente lançado pela Palas Athena Editora – *O menino fula* – faz considerações surpreendentemente atuais sobre o colonialismo. Em outra entrevista, o escritor moçambicano **Mia Couto** revela como sua ficção foi influenciada pela leitura de Guimarães Rosa, e de como exerce seu ofício num país onde poucos leem: “Aqui, o nascimento de uma literatura nacional é contemporâneo do nascimento da própria nacionalidade. Eu sou mais velho que o meu país. É uma circunstância histórica realmente singular”.

O professor **Fábio Leite** analisa a importância da palavra nas culturas africanas. **Ela Gandhi** escreve sobre seu trabalho com transculturalidade e cultura de paz na África do Sul; o professor **Kabengele Munanga**, num trabalho cuja profundidade nem um pouco compromete a clareza, fala das complexas relações entre consciência étnica, política e direitos humanos. Por fim, ainda no contexto africano, mas já de uma perspectiva brasileira, **Normando Batista** examina a questão do racismo e sua interseção com as políticas públicas.

Boa leitura!

Os Editores

1 EDITORIAL

Seção temática

3 CONFRONTAÇÕES CULTURAIS, entrevista com Amadou Hampâté Bâ

13 MINHA EXPERIENCIA NA ÁFRICA, entrevista com Ubiratan D'Ambrosio

19 IDENTIDADE ÉTNICA, PODER E DIREITOS HUMANOS, Kabengele
Munanga

31 CULTURA, RELIGIÕES E LINGUAGENS? SERÃO ELAS UMA FONTE DE
CONFLITO?, Ela Gandhi

35 A QUESTÃO DA PALAVRA EM SOCIEDADES NEGRO-AFRICANAS, Fábio
Leite

42 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A QUESTÃO RACIAL, Normando Batista
Ramos

47 MIA COUTO E O EXERCÍCIO DA HUMILDADE, entrevista com Mia Couto
e Marilene Felinto

60 NAGUIB MAHFUZ, O EGITO E O ROMANCE ÁRABE MODERNO, Paulo
Daniel Farah

66 Thot Sugere Temas De Reflexão

Seção Livre

68 INVEJA, Suzete Carvalho

82 A SEDUÇÃO DO MITO, Cristina Rodrigues Franciscato

89 A "REDESCOBERTA DA ÁGUA" – CIÊNCIA E MITO, Inês Antonia
Lohbauer

Seção Institucional

94 PROGRAMA EDUCACIONAL *A PAZ EM AÇÃO*

98 RELATÓRIO DA CONFERENCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO,
DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA

THOT 81, 2004 – EDITORIAL

Em 1992, o cientista político americano Francis Fukuyama publicou um livro que logo se tornou amplamente conhecido e festejado: *O fim da história e o último homem*. Nesse texto, ele afirma que a história chegou ao fim porque a sociedade atingiu o auge de seu desenvolvimento. A partir daí, nada de significativo poderia acontecer. Esse estágio seria o capitalismo ocidental, cuja filosofia inspiradora é o liberalismo, hoje também conhecido como neoliberalismo, cuja principal manifestação prática é a chamada economia de mercado ou nova economia.

Porém, pouco ou nada foi – e continua a não ser – comentado sobre os efeitos colaterais desastrosos desse momento histórico, entre os quais figuram a exclusão social e o aumento da pobreza, em especial no dito Terceiro Mundo. Em outros termos, a história não só não terminou como agora exhibe de modo crescente aspectos que não podem ser ignorados, por maior que seja a euforia dos beneficiários da concentração de renda e da injustiça social.

A economia solidária – tema desta edição – é um conjunto de iniciativas que se contrapõem a esse estado de coisas. Não é, como muitos imaginam, uma "alternativa" no sentido festivo da expressão. Ao contrário, é uma abordagem pragmática e realista à questão, que de maneira nenhuma se limita ao protesto simbólico nem à lamentação retórica.

É o que os leitores descobrirão, talvez não sem uma certa surpresa, ao ler os textos temáticos deste nosso número 81. São matérias escritas por pessoas de destaque no cenário nacional e internacional, e dão conta de experiências e propostas da maior importância para a conjuntura que vivemos neste começo de milênio.

Os Editores

1 EDITORIAL

Seção Temática

3 REDES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: A EXPANSÃO DE UMA ALTERNATIVA GLOBAL, Euclides André Mance

12 A BUSCA DA IDENTIDADE NUM MUNDO DE INCERTEZAS, Henrique Rattner

22 ECONOMIA SOLIDÁRIA: A COOPERAÇÃO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO, NA GERAÇÃO DE RENDA E NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA,

Eduardo Coutinho de Paula

30 É POSSÍVEL LEVAR O DESENVOLVIMENTO A COMUNIDADES POBRES? – AS COMUNIDADES POBRES E O CAPITALISMO DO SÉCULO 21, Paul Singer

37 ECONOMIA SOLIDÁRIA E O RENASCIMENTO DE UMA SOCIEDADE HUMANA MATRÍSTICA, Marcos Arruda

45 A SOLIDARIEDADE EM AÇÃO, Reportagem de Antonio Carlos Olivieri

52 SAIBA MAIS SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Seção livre

54 TEORIA E PRÁTICA EM HOLOMOVIMENTO, Maria Cândida Moraes

60 DANÇA, ARTE E ESPIRITUALIDADE, Maria da Conceição de Almeida

69 VIDAS SEMI-ÁRI-DAS: O RESGATE DA VIDA NO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO, Joedla Rodrigues de Lima

73 O NOVO CAMINHO PARA A PAZ E O FUTURO SUSTENTÁVEL, Mikail Gorbachev

Livros

77 O DESAFIO DA COMUNICAÇÃO HUMANA SEGUNDO MAURO MALDONATO

79 AMAR E BRINCAR – FUNDAMENTOS ESQUECIDOS DO HUMANO

